

# Contagem para



# o Pentecostes

Rui Quinta

Atenas, Dezembro de 2008

# Contagem para o Pentecostes

Introdução .....	3
Argumentação dos Saduceus e Karaitas .....	4
O Termo 'Shabbat' .....	4
Josué 5:10-11 .....	7
Argumentação dos Fariseus e do Judaísmo Rabínico .....	10
O Termo 'Shabbat' .....	10
A Septuaginta .....	13
Josué 5:10-11 .....	15
Análise do Autor .....	17
O Calendário.....	17
A Vitória Farisaica .....	19
O Testemunho de Y'shua.....	20
Novamente Josefo .....	22
O Método de Contagem.....	22
O Termo 'Shabbat'.....	23
Sábados Completos .....	25
O Artigo Definido .....	27
Josué 5:10-11 .....	30
'Mimochorat HaShabbat' .....	30
O que comeram exactamente? .....	32
Mas será que é assim?... ..	34
Caso Particular.....	38
Saulo, o Fariseu.....	41
A Septuaginta e o Targum Onkelos .....	44
"Deuteroproton" .....	46
Cenário I.....	49
Cenário II.....	53
A Prática da Igreja Primitiva.....	54
O Significado das Primícias .....	56
Um Esclarecimento .....	59

## Introdução

Desde finais do período do segundo Templo que a contagem para o Pentecostes é polémica. Essa polémica centra-se na interpretação a dar à expressão “*desde o dia seguinte ao Sábado*” na passagem de Levítico 23:15-16 que regula a forma de contar os dias até ao Pentecostes. A passagem em questão é:

“15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas [Sábados] serão.  
16 Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos a YHWH.” (Lv 23:15-16)

Esta polémica surge em finais do período do segundo Templo entre Saduceus e Fariseus e perpetua-se até aos nossos dias. Actualmente os judeus rabínicos como descendentes dos antigos fariseus e muitas congregações cristãs e messiânicas com eles sustentam que o Sábado em questão se refere ao 1º dia dos Asmos (entendido como um Sábado anual) enquanto que os antigos Saduceus, os actuais judeus Karaitas<sup>1</sup> e várias congregações cristãs e messiânicas sustentam que o Sábado em questão é o Sábado semanal, o sétimo dia da semana. Como iremos ver mais adiante, era esta última também a posição da chamada igreja primitiva.

Início da Contagem	
Fariseus Rabínicos Dia a seguir ao Primeiro dia dos Asmos (16 do Abib)	Saduceus Karaitas Dia a seguir ao Sábado semanal (durante a semana dos Asmos)
Finalização da Contagem	
Pentecostes calha sempre no dia 6 do terceiro mês (Sivan)	Pentecostes calha sempre a um Domingo (com data variável)

Sem querer pôr em causa a sinceridade com que cada um interpreta a passagem, é o propósito do presente trabalho apresentar os vários argumentos de cada uma das facções para que cada um possa conscientemente tomar uma posição esclarecida acerca da interpretação que entende ser a mais correcta mas, em simultâneo tomar uma posição quanto àquela que é, no entender do autor, a posição correcta face às Escrituras.

---

<sup>1</sup> Os Judeus Karaitas são literalistas. Rejeitam as tradições e Leis Oraís do judaísmo rabínico e cingem-se apenas ou tanto quanto possível às Escrituras.

## Argumentação dos Saduceus e Karaitas

Os argumentos apresentados para defender a posição de que o Sábado em questão é o Sábado semanal e não o primeiro dia dos Asmos são vários. Vamos de seguida listar esses argumentos.

### O Termo 'Shabbat'

Os judeus rabínicos alegam que o termo 'Shabbat' nesta passagem se refere ao primeiro dia dos Asmos uma vez que este é descrito como um dia de descanso e que, conseqüentemente, o dia a seguir ao Sábado seria o dia 16 do mês do Abib. No entanto, a palavra hebraica 'Shabbat' é usada quase exclusivamente para se referir ao sétimo dia da semana. As únicas exceções são a sua aplicação ao Dia da Expição em Lev.16:31; 23:32 e ao ano Sabático em Lev.25:4.

O termo 'Shabbaton' é, esse sim, o termo que é aplicado a várias das solenidades de YHWH mas não é equivalente a 'Shabbat' nem tampouco é usado intercaladamente com este último termo. Apesar de provir da mesma raiz o seu significado concreto é incerto. Parece tratar-se de um adjectivo que significa 'descanso' ou 'período de descanso'. Por essa razão o Sábado semanal é descrito como '*Shabbat Shabbaton*', ou seja, Sábado de descanso e o 7º ano como '*Shenat Shabbaton*', ou seja, ano de descanso (habitualmente traduzido por 'Ano Sabático').

Com excepção do Dia da Expição que é considerada a principal das solenidades de YHWH e na qual até é proibido comer (é um dia de jejum), o termo 'Shabbat' aplica-se apenas e só ao Sábado semanal! Nunca se aplica a qualquer dos dias dos Asmos (nem sequer ao primeiro e último) pois a esses dias, apesar de serem de descanso, não só nunca lhes é atribuído na Bíblia o termo "Shabbat" como ainda é lícito fazer neles coisas que não é lícito fazer num Sábado semanal, como por exemplo, acender o fogo e cozinhar. Com excepção do Dia da Expição e do Ano Sabático, o termo "Shabbat" não se aplica a qualquer outro dia que não o Sábado semanal. Mesmo o nosso uso corrente da expressão "Sábado Anual" para designar aqueles dias das Solenidades de YHWH que são dias de descanso, é bíblicamente forçado pois as Escrituras nunca (com a já referida excepção do Dia da Expição) lhes aplicam o termo "Shabbat".

Relembremos a passagem em questão:

"15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas [Sábados] inteiras serão. 16 Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos a YHWH." (Lv 23:15-16)

Os judeus rabínicos alegam ainda que os sete sábados dos versículos 15b e 16a (parte integrante da mesma passagem) têm o significado de ‘semanas’, ou mais concretamente grupos de sete dias – não necessariamente semanas que se iniciam a um Domingo e encerram a um Sábado. A tradução JFA transcrita acima espelha este entendimento ao traduzir a palavra “Shabbat” no versículo 15b por “semanas”, uma tradução completamente interpretativa e linguisticamente muito forçada uma vez que “Shabbat” nunca é usado com o sentido de “semana” mas sempre e só como uma referência ao sétimo dia. Ao contrário, os Karaitas alegam que é impossível que uma palavra que aparece repetida na mesma passagem tenha significados diferentes a menos que a própria passagem o esclareça, o que não é o caso. Alegam ainda que isto contraria a língua hebraica pois sempre que o que é pretendido é um conjunto de sete dias as Escrituras usam a expressão “sete dias” (Ez.3:15). Igualmente a palavra “semanas” em Deut.16:9 é entendida pelos judeus rabínicos como um qualquer período de sete dias mas pelos Karaitas como um período de sete dias que começa no primeiro dia da semana e termina no sétimo (Sábado).

“Sete semanas [shabua] contarás; desde que a foíce começar na seara iniciarás a contar as sete semanas.” (Dt 16:9)

Adicionalmente, como os Karaitas entendem que o termo ‘Shabbat’ se aplica apenas ao sétimo dia da semana<sup>2</sup> e que nunca tem o sentido de ‘semana’, entendem que a expressão ‘*dia seguinte ao Sábado*’ se refere inquestionavelmente ao primeiro dia da semana – Domingo – tanto na primeira ocorrência (vers.15) como na segunda (vers.16) o que faz com que o Pentecostes calhe sempre a um Domingo.

Como entendem ainda que a segunda ocorrência de ‘Shabbat’ no vers.16 também se refere a um Sábado semanal (o sétimo da contagem ou 49º dia) alegam que é impossível que a contagem feita pelos moldes rabínicos esteja correcta uma vez que o 49º dia dessa contagem calha em dias que não são Sábados seis anos em cada sete, o que transgride o mandamento de Lev.23:15-16. No exemplo apresentado na tabela seguinte, pela contagem rabínica, o Pentecostes calharia não no dia após o sétimo Sábado mas no dia após a sétima Quarta-Feira.

---

<sup>2</sup> Salvo as excepções já indicadas do Dia da Expição e do Ano Sabático.

Contagem do Pentecostes quando o 1º dia dos Asmos calha a uma Quarta-Feira						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
		14 Sacrifício Pascal	15 1º dia Asmos	16 Início da contagem Rabínica	17	18
1 19 Início da contagem Karaita	2 20	3 21	4 22	5	6	7
8	9	10	11	12	13	14
15	16	17	18	19	20	21
22	23	24	25	26	27	28
29	30	31	32	33	34	35
36	37	38	39	40	41	42
43	44	45	46 <b>Não é Sábado!!!</b>	47 Pentecostes Rabínico ≠ 'dia a seguir ao Sábado'	48	49
50 Pentecostes Karaita = 'dia a seguir ao Sábado'						

Ainda usando a mesma lógica de que os dois 'Shabbat' nesta passagem têm forçosamente de ter o mesmo significado, é caso para perguntar se o primeiro 'Shabbat' se refere a um dia solene (o primeiro dos Asmos) então como interpretar os sete sábados do vers.16? Sete solenidades?

Claro que tudo isto nos conduz a um outro argumento que é o seguinte: se o Pentecostes é supostamente celebrado sempre no dia 6 do terceiro mês conforme alega o judaísmo rabínico, porque é que YHWH simplesmente não estipulou essa data na Torá conforme fez para todas as outras solenidades? Porquê instruir o povo para fazer uma contagem de 50 dias? Bastaria dizer, à semelhança do que fez com as restantes solenidades, que o Pentecostes se celebraria no dia 6 do Terceiro mês.

Adicionalmente podemos ver que o Ano do Jubileu é análogo à Festa do Pentecostes pois tal como o Pentecostes é um dia solene que é o 50º dia após um período de sete vezes sete dias, sendo que o 49º dia é um Sábado (bem como todos os dias de sete em sete), também o Ano do Jubileu é o 50º ano após um período de sete vezes sete anos, sendo que o 49º ano (bem como todos os anos de sete em sete) são designados por Anos Sabáticos (ao qual o termo 'Shabbat' se aplica conforme já vimos).

“Também contarás sete semanas [Sábados] de anos, sete vezes sete anos; de maneira que os dias das sete semanas de anos te serão quarenta e nove anos.” (Lv 25:8, JFA)

A palavra abusivamente traduzida por ‘semanas’ nesta passagem é também ‘Shabbat’. A versão Português Corrente lê da seguinte forma:

“Deixa passar sete anos sabáticos, isto é, sete períodos de sete anos, que somam quarenta e nove anos.” (Lv. 25:8, PC)

Se o Ano Sabático é o sétimo ano, sete anos sabáticos equivalem a sete vezes sete anos, ou seja, a 49 anos. O 50º ano é ano do Jubileu.

De igual forma, se o Sábado é o sétimo dia, sete sábados equivalem a sete vezes sete dias, ou seja, a 49 dias. O 50º dia é o Pentecostes.

Uma análise do texto permite-nos ainda constatar que a palavra ‘Shabbat’ em Lev.23:15 é antecedida pelo artigo definido ‘Ha’ que significa ‘o’. A expressão é:

*“mimochorat haShabbat”* (“desde o dia seguinte a ‘o’ sábado”)

De acordo com os Karaitas, o facto da palavra ‘Shabbat’ ser antecedida pelo artigo definido ‘o’ está a apontar para um Sábado específico que, no seu entender, é o sétimo dia da semana mencionado no vers. 3 do mesmo capítulo e também antecedido pelo mesmo artigo definido.

## **Josué 5:10-11**

“10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. 11 E, ao outro dia depois da páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do fruto da terra, pães ázimos e espigas tostadas.” (Js 5:10-11)

Esta passagem indica-nos que o primeiro dia da contagem para o Pentecostes tem de ser o Domingo dentro da semana dos Asmos.

Para entender o raciocínio temos de ter em conta que o povo de Israel estava proibido de comer do fruto da terra até terem apresentado as primícias a YHWH.

“E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus; estatuto perpétuo é por vossas gerações, em todas as vossas habitações.” (Lv 23:14)

A passagem de Josué claramente referencia esta de Levítico:

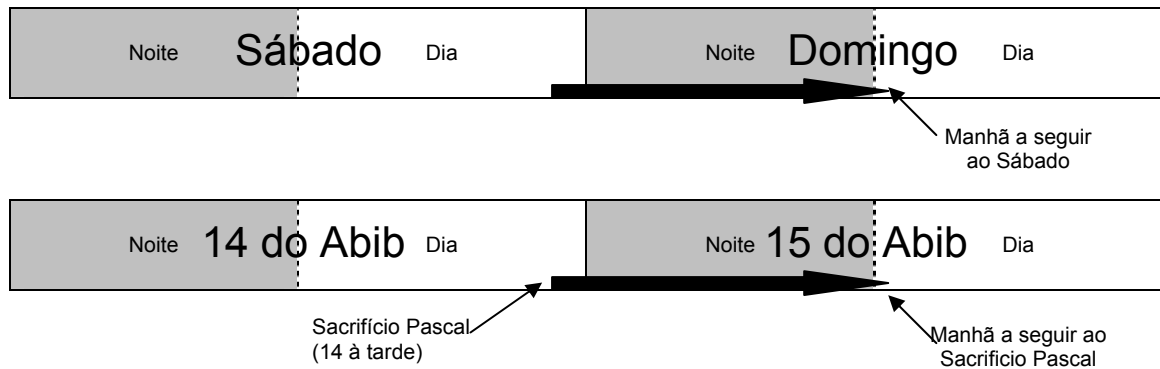
... <u>não comereis pão</u> , nem <u>trigo tostado</u> ... até <u>aquele mesmo dia</u>				Lev.23:14
1	2	3	4	
<u>nesse mesmo dia</u> , <u>comeram</u> , do fruto da terra, <u>pães ázimos</u> e <u>espigas tostadas</u>				Jos.5:11
4	1	2	3	

O termo “*mimochorat*” traduzido em Josué 5:11 por “*ao outro dia*” significa literalmente ‘na manhã seguinte’. Como tal, o que Josué nos está a dizer é que a oferta das primícias da cevada na terra de Israel foi feita no dia seguinte ao sacrifício pascal do dia 14 do mês do Abib, ou seja, aos 15 do Abib e não no dia 16 conforme alegam os judeus rabínicos.

Nas Escrituras Hebraicas o termo ‘Páscoa’ refere-se sempre ao sacrifício pascal do dia 14 do Abib e nunca à solenidade que começa no dia 15 pois essa é designada por “*Chag HaMatzot*” ou Festa dos Asmos.

A expressão “*mimochorat HaShabbat*” de Lev.23:15-16 significa então a manhã a seguir ao Sábado, ou seja, a manhã de Domingo. O que nos permite deduzir que no ano da entrada do povo na Terra Prometida, o dia 14 do mês do Abib calhou a um Sábado.

Vejamos o diagrama seguinte:



Isto é confirmado por Núm.33:3 que relata o seguinte:

“Partiram, pois, de Ramessés no primeiro mês, no dia quinze do primeiro mês; no dia seguinte da páscoa saíram os filhos de Israel por alta mão, aos olhos de todos os egípcios.” (Nm 33:3)

Esta passagem descreve o dia do êxodo como o dia 15 do mês do Abib e como o dia a seguir à Páscoa (sacrifício).

Por aqui se vê que a explicação rabínica segundo a qual as primícias são oferecidas a 16 do Abib não é correcta pois no ano em que o povo entrou na Terra Prometida, as primícias foram oferecidas no dia 15.

Isto permite-nos responder a uma outra questão: a contagem começa no Domingo dentro da Semana dos Asmos ou começa com o Domingo a seguir ao Sábado dentro da Semana dos Asmos? Por outras palavras, o que é que tem de calhar na Semana dos Asmos, o *“dia seguinte”* ou *“o Sábado”*? Isto é uma questão que só se coloca quando o dia 15 calha a um Domingo. Quando isto acontece, as primícias são oferecidas no dia 15 ou no dia 22? A questão é solucionada pelo precedente estabelecido aquando da entrada do povo em Canaã. Claramente, pela análise do episódio vemos que as primícias são oferecidas a 15 e não a 22.

De acordo com os Karaitas, a única altura em que o modelo rabínico bate certo é quando o dia 14 do mês do Abib calha a um Sábado fazendo com que o dia seguinte, dia 15, seja um Domingo. Nessa altura a contagem feita por rabínicos e Karaitas é idêntica.

## Argumentação dos Fariseus e do Judaísmo Rabínico

Imagino que até aqui já todos estejamos convencidos da validade dos argumentos dos Karaitas, no entanto, não é assim tão simples.

### **O Termo ‘Shabbat’**

As Escrituras interpretam-se a si próprias e segundo a posição rabínica, a interpretação da palavra “Shabbat” e sua aplicação em Lev.23:15-16, deve ser entendida e interpretada à luz de uma outra passagem sobre o mesmo tema. Deuteronómio 16:9.

“Sete semanas [shabua] contarás; desde que a foíce começar na seara iniciarás a contar as sete semanas.” (Dt 16:9)

Ora a foíce começa na seara no dia da apresentação das primícias. A apresentação das primícias consistia precisamente na apresentação do primeiro molho de cevada. Este primeiro feixe oficialmente iniciava a colheita de cevada – a primeira do ano.

Não restam dúvidas de que a expressão “*desde que a foíce começar na seara*” é equivalente à expressão “*desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida*” de Lev.23:15

“15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas [Sábados] inteiras serão. 16 Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos a YHWH.” (Lv 23:15-16)

Assim, temos duas expressões equivalentes:

“*desde que a foíce começar na seara iniciarás a contar as sete semanas*”



“*desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida sete Sábados inteiros serão*”

Mas o grande valor desta passagem é que, ao contrário do que acontece com Levítico que usa a palavra “Shabbat”, a passagem de Deuteronómio é muito menos dúbia pois usa a palavra “shabua” que significa ‘semana’. Strong’s traduz esta palavra como:

literally *sevened*, that is, a *week*... - seven, week.

O Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon (BDB) traduz da seguinte forma:

1) seven, period of seven (days or years), heptad, week

1a) period of seven days, a week

1a1) Feast of Weeks

1b) heptad, seven (of years)

De acordo com os judeus rabínicos isto só por si basta para provar que o argumento Karaita de que a palavra 'Shabbat' nunca pode significar 'semana' é falso. Segundo eles, no caso particular de Levítico 23:15-16 é isso precisamente que significa à luz de Deuterónimo 16:9 que usa "shabua" e não "Shabbat".

Por alguma razão a Festa do Pentecostes em hebraico se chama 'Shavuot' (ou 'Shabuot') que nada mais é que o plural de 'shabua', ou seja, Festa das Semanas<sup>3</sup>.

Outro argumento usado pelos Karaitas é o de que 'semana' se aplica a sete dias começando num Domingo e terminando num Sábado e que nunca se aplicaria a um qualquer conjunto de sete dias. As definições destes dicionários revelam precisamente o contrário, ou seja, que o significado primário de 'semana' é primariamente, 'conjunto de sete' podendo aplicar-se a sete quaisquer dias como acontece em Levítico 23:6 para designar os sete dias dos Asmos que, em média, só se iniciam a um Domingo e terminam a um Sábado, uma vez em cada sete anos<sup>4</sup>.

Ainda de acordo com os judeus rabínicos, vemos também que 'shabua' neste caso só coincidentemente se começaria a contar num Domingo uma vez que Deut.16:9 nos dá o ponto de partida da contagem não como um qualquer dia da semana mas como o dia em que a foice começa na seara<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> Esta mesma solenidade é conhecida por vários nomes:

Chag HaShavuot – Festa das Semanas

Atzeret HaSfirah – Conclusão da contagem

Atzeret Pesach – Conclusão do período Pascal

Pentecostes – Quinquagésimo (dia da contagem)

Yom HaBikkurim – Dia das Primícias (da colheita de trigo; não confundir com Chag HaBikkurim que se realiza após a Páscoa e que são as primícias da colheita de cevada, a primeira do ano)

Chag Hakatzir – Festa das Colheitas

Zeman Mattan Toratenu – Tempo do Recebimento da Torá

<sup>4</sup> Isto é, no entanto, um falso argumento pois a palavra "shabua" (semana) não consta em Levítico 23:6. Essa passagem apenas refere "sete dias". Isto confirma o argumento karaita segundo o qual a palavra "semana" nunca se aplica a um qualquer período de sete dias mas apenas a uma semana completa que começa a um Domingo e termina a um Sábado.

<sup>5</sup> Outro falso argumento uma vez que a foice começa na seara oficialmente sempre a um Domingo, conforme alegam os Karaitas e conforme veremos mais adiante.

## Shabbat

O Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon (BDB) tem o seguinte a dizer relativamente aos possíveis significados da palavra 'Shabbat':

- 1) Sabbath
  - 1a) sabbath
  - 1b) day of atonement
  - 1c) sabbath year
  - 1d) **week**
  - 1e) produce (in sabbath year)

Strong's diz:

intermission, that is, (specifically) the Sabbath  
a prim. root; to repose, i.e. desist from  
exertion.....cease.....

O Gesenius Hebrew-English Lexicon apresenta ainda os seguintes significados para 'Shabbat':

- 1) to sit down, to sit still;
- 2) to cease, desist, leave off;
- 3) to celebrate the Sabbath.

O Theological Wordbook Of The Old Testament diz ainda:

Shabbat cease, desist, rest...cessation...Sabbath...keep the  
sabbath.....Sabbath observance.....

Por aqui se vê que a palavra 'Shabbat' não se refere exclusivamente ao sétimo dia mas que, de acordo com estes léxicos, o seu significado primário é 'descanso' ou 'intervalo'. O BDB aponta-nos ainda 'semana' como um dos sentidos possíveis da palavra 'Shabbat'.

O facto da palavra 'Shabbat' aparecer aplicada ao Dia da Expição (Lev.23:32), uma das solenidades de YHWH, permite-nos tornar o termo extensível às demais solenidades, sobretudo quando as outras aparecem descritas com o termo 'Shabbaton'.

## Shabbaton

Strong's: "a *sabbatism* or special holiday: - rest, **sabbath**."

BDB:

- 1) **Sabbath observance**, sabbatism
  - 1a) **of weekly sabbath**
  - 1b) day of atonement
  - 1c) sabbatical year
  - 1d) of Feast of Trumpets
  - 1e) of the 1st and last days of the Feast of Tabernacles

Este raciocínio conduz à conclusão que o termo 'Shabbaton' não é assim tão incerto quanto os Karaitas querem fazer crer. O termo significa 'descanso', sim, mas também uma qualquer observância sabática como o Sábado semanal ou qualquer um dos anuais. O facto de Shabbaton ou Shabbat não aparecerem associados ao primeiro e sétimo dias da semana dos Asmos, não exclui essa aplicação.

Consequentemente, quando Lev.23:15 nos diz "*para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado*" esta expressão só por si tanto se pode aplicar ao Sábado semanal como ao primeiro dia dos Asmos.

Como saber então a qual dos dias se aplica?

## **A Septuaginta**

A questão sobre a contagem do Pentecostes entre Fariseus e Saduceus surge por volta de 164 a.C.

Os Fariseus recusaram sempre submeter-se às influências gregas aquando da invasão de Antíoco Epifanes e foram os responsáveis pela revolta contra o seu regime. Os Saduceus, por outro lado, eram compostos maioritariamente por sacerdotes aristocratas que se submeteram e foram grandemente influenciados pela cultura grega. Após a revolta dos Macabeus os Fariseus procuraram ensinar a Torá e erradicar as influências gregas da terra de Israel. Os Saduceus opunham-se a muitas das doutrinas ensinadas pelos fariseus. A título de exemplo, enquanto os Fariseus ensinavam a existência de espíritos e anjos e anunciavam a ressurreição dos mortos, os Saduceus recusavam todas estas doutrinas<sup>6</sup>. O grupo mais influente era, de longe, o grupo dos Fariseus sendo que muitos dos Saduceus tinham de se submeter às determinações farisaicas uma vez que eles controlavam o Sinédrio<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> Actos 23:6-8

<sup>7</sup> Isto explica porque é que os confrontos de Cristo eram maioritariamente com os Fariseus e porque é que Ele disse aos Saduceus que:

“...E\_rrais, não conhecendo as E\_scrituras, nem o poder de Deus.” (Mt 22:29)

Isto não significa que os Saduceus estivessem errados em tudo ou que os Fariseus fossem os donos da verdade. No entanto, uma vez que estes dois grupos discordavam acerca da forma correcta de contar para o Pentecostes seria importante obter evidências anteriores a 164 a.C que nos revelassem a interpretação que era dada anteriormente ao aparecimento dessa divergência.

A Septuaginta – uma tradução das Escrituras para grego – foi feita cerca de 250 anos a.C., ou seja, cerca de 100 anos antes do aparecimento dos Fariseus e Saduceus e é usada pelo judaísmo rabínico, bem como por todos os demais grupos que sustentam a contagem farisaica, como argumento em sua defesa. Vejamos porquê:

“Estas são as festas para YHWH – dias santificados que proclamarás no seu tempo apropriado. No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês, entre as duas tardes, é a Páscoa de YHWH. E no décimo quinto dia deste mês tem início a festa dos Pães Asmos para YHWH. Sete dias comerás pães asmos. Ora o **PRIMEIRO DIA** será um dia santificado e separado para tí. Não farás serviços sacrificiais mas oferecerás ofertas queimadas a YHWH por sete dias e, o **SÉTIMO DIA** será um dia santificado e separado para tí. Não farás serviço sacrificial.

“Mais falou YHWH a Moisés dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: ‘Quanto entrardes na terra que vos dou e estiveres prestes a colher a sua colheita, trarás um feixe como primícias da tua colheita, ao sacerdote, e ele oferecerá o feixe perante YHWH para ser aceite por tí. **NO DIA A SEGUIR AO PRIMEIRO DIA**, o sacerdote fará a oferta.” (Lev.23:4-11)<sup>8</sup>

O texto masorético de Lev.23:11 diz ‘Sábado’ e por essa razão em todas as traduções o vers.11 lê:

“E ele moverá o molho perante YHWH, para que sejais aceitos; no dia seguinte **AO SÁBADO** o sacerdote o moverá.” (Lv 23:11)

A Septuaginta, no entanto, muito claramente diz “no dia a seguir ao **PRIMEIRO DIA**”. Ora isto tem de ser uma referência ao primeiro dia da Festa. Não se pode estar a referir ao Sábado semanal pois este, por definição, é o sétimo dia.

Para além da Septuaginta temos ainda o testemunho do Targum<sup>9</sup> Onkelos que lê da seguinte forma:

---

<sup>8</sup> Tradução livre com inserção do Tetragrama.

<sup>9</sup> Targumim – plural de Targum – são traduções das Escrituras Hebraicas para aramaico.

“E Elohim falou com Moisés dizendo: ‘Fala aos filhos de Israel e dize-lhes:’ ‘Quando tiverdes entrado na terra que Eu vos darei e colhido a sua colheita, trarão um feixe das primícias da vossa colheita ao sacerdote e ele o alçará perante Elohim para ser aceite por vós. APÓS O DIA DA FESTIVIDADE O SACERDOTE O ALÇARÁ... E contarás para ti APÓS O DIA DO FESTIVAL, desde o dia em que trouxeste o feixe da oferta alçada, sete semanas completas serão” (Lev.23:9-11,15)<sup>10</sup>

Mais uma vez não restam dúvidas de que o “*dia a seguir ao Sábado*” corresponde ao “*dia a seguir ao primeiro dia*” da festa ou “*festividade*”.

### **Josué 5:10-11**

Analisemos com atenção esta passagem:

“10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. 11 E, ao outro dia depois da páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do fruto da terra, pães ázimos e espigas tostadas.” (Js 5:10-11)

Os israelitas não estavam autorizados a comer dos frutos da terra antes de terem oferecido as primícias a YHWH no “*dia a seguir ao Sábado*.”<sup>11</sup>

Todo o argumento Karaita em torno da passagem de Josué assenta em dois falsos pressupostos. O primeiro é dizer que sempre que o termo ‘Páscoa’ aparece nas Escrituras Hebraicas ele se refere em exclusividade ao sacrifício pascal do dia 14 do mês do Abib. Não é correcto. Vejamos a passagem de Êxodo12:5-11 que descreve a primeira páscoa:

“5 O cordeiro, ou cabrito, será sem mácula, um macho de um ano, o qual tomareis das ovelhas ou das cabras. 6 E o guardareis até ao décimo quarto dia deste mês, e todo o ajuntamento da congregação de Israel o sacrificará à tarde. 7 E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem. 8 E naquela noite comerão a carne assada no fogo, com pães ázimos; com ervas amargas a comerão. 9 Não comereis dele cru, nem cozido em água, senão assado no fogo, a sua cabeça com os seus pés e com a sua fressura. 10 E nada dele deixareis até amanhã; mas o que dele ficar até amanhã, queimareis no fogo. 11 Assim pois o

---

<sup>10</sup> Tradução livre.

<sup>11</sup> Levítico 23:14

comereis: Os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa de YHWH.”  
(Êx 12:5-11)

Note-se que ‘Páscoa’ aqui designa não só o sacrifício do cordeiro no dia 14 como também a refeição pascal que se inicia na noite de 15 e se estende até de manhã, logo, não é verdade que ‘Páscoa’ designe apenas o sacrifício do dia 14. Muito pelo contrário, a definição de ‘Páscoa’ dada em Êxodo abrange a refeição que termina na manhã de 15.

O segundo falso pressuposto é dizer que o termo “*mimochorat*” na expressão “*mimochorat HaShabbat*” significa forçosamente “*manhã seguinte*” e nunca “*dia seguinte*”. Apesar de ser verdade que ‘mimochorat’ significa ‘manhã’, também o é que pode e é muitas vezes usado no sentido de ‘amanhã’, ou seja, ‘dia seguinte’. Vejamos o que nos dizem os dicionários:

Strong’s: “the *morrow* or (adverbially) ***tomorrow***: - morrow, **next day.**”

BDB: “1) the morrow, **the day after**”

Assim, o que a passagem de Josué nos diz é precisamente o inverso. O povo celebrou a páscoa no dia 14 à tarde (que por definição se estendeu até à manhã de 15) e no dia seguinte à Páscoa comeram dos frutos da terra. Ora como a Páscoa termina no dia 15, o dia seguinte à Páscoa é forçosamente o dia 16 do mês do Abib.

## Análise do Autor

### O Calendário

Agora que apresentámos os pontos de vista de ambos os lados das trincheiras e pudemos ver que há uma série de trocas de galhardetes entre os defensores de uma e outra posições, convém pararmos um pouco para analisar mais friamente esta questão, aprofundando, inclusive, um pouco, alguns dos argumentos.

Quando este trabalho foi inicialmente apresentado, na sua primeira versão, o autor tomou o partido do judaísmo rabínico. Porém, os argumentos apresentados por eles parecem, nalguns casos, serem um tanto ou quanto forçados. Por outro lado, sempre ficou por esclarecer o porquê da ausência desta polémica nos Evangelhos e demais escritos apostólicos. Se eles nos revelam o Cristo a entrar em confronto quer com os Fariseus quer com os Saduceus por assuntos de muito menor importância que o de celebrar as Solenidades de YHWH em datas erradas, não deveríamos nós ter evidência disso no chamado Novo Testamento?

Apesar de ausência de prova não ser prova de ausência, ou seja, o facto de não termos um registo escrito desse eventual confronto não significa que ele não tenha tido lugar, é, contudo, um forte indício de que nos estará a escapar qualquer coisa.

Esta ausência de prova mantém-se nas pessoas dos apóstolos a quem também não vemos fazerem qualquer referência ao assunto.

A passagem de Mateus 22:29 já apresentada atrás, na qual o Cristo acusa os Saduceus de não conhecerem as Escrituras é usada por muitos para “crucificar” os Saduceus alegando que não sabiam nada de nada.

“Y’shua, porém, respondendo, disse-lhes: Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus.” (Mt 22:29)

Claro que isto só por si não significa, conforme já dissemos atrás, que estivessem errados em tudo e muito menos que os Fariseus estivessem certos em tudo, até porque o que estava em discussão nesta ocasião era apenas e só o tema da ressurreição que os saduceus não aceitavam, como se pode ver pelo versículo 23. Logo, não podemos extrapolar esta afirmação como aplicando-se a todos os demais pontos doutrinários. O erro a que Y’shua aludia nesta passagem era apenas a não aceitação da doutrina da ressurreição por parte dos saduceus. Aliás, estas trocas de mimos entre indivíduos provenientes de escolas diferentes mesmo dentro do próprio farisaísmo, eram comuns e não os devemos estranhar.

Uma coisa é certa, Y’shua era um judeu que vivia de acordo com a interpretação da Torá do Seu tempo excepto quando essa interpretação era contrária ao espírito da Torá. Nesses casos sabemos que Ele não tinha, como se costuma dizer, papas na língua. Ora, a interpretação da Torá no Seu tempo

era definida maioritariamente pelos Fariseus e enquanto encontramos nas Escrituras ampla evidência de que Ele cumpria as Festas estipuladas na Torá, não encontramos nenhuma evidência de que alguma vez tenha entrado em confronto com os Fariseus por causa da contagem para o Pentecostes. Pelo contrário, encontramos-lo a guardar as Festas em simultâneo com o resto da nação de Israel o que pressupõe uma implícita aprovação das datas das Festas definidas pelo Sinédrio que era controlado pelos Fariseus.

E foi este raciocínio que induziu o autor em erro da última vez...

Na realidade, é verdade que quem punha e dispunha no que toca à interpretação da Torá eram os Fariseus. É verdade que eles controlavam o Sinédrio mas só recentemente o autor tomou conhecimento de que quem controlava o calendário, até porque este tem implicações directas no serviço do Templo, eram os sacerdotes, ou seja, os Saduceus. *“The Illustrated Bible Dictionary”* bem como o *“The New Bible Dictionary”* em artigos sobre o calendário dizem-nos o seguinte:

“...o calendário judaico em tempos do NT (pelo menos antes de 70 d.C.) seguia os cálculos Saduceus uma vez que era por esses cálculos que os serviços do Templo eram regulados. Assim, o dia do Pentecostes era calculado como sendo o quinquagésimo dia após a apresentação do primeiro molho de cevada colhido, i.e., o quinquagésimo dia (inclusive) do primeiro Domingo após a Páscoa (cf. Lv.23:15s); assim, calhava sempre a um Domingo... Os cálculos Farisaicos que se tornaram a regra após 70 d.C., interpretavam ‘Sábado’ em Lv.23:15 como o dia da solenidade dos Pães Asmos e não o Sábado semanal; nesse caso, o Pentecostes calhava sempre no mesmo dia do mês [6 de Sivan].” (*“The Illustrated Bible Dictionary”*)

“Os Saduceus celebravam [o Pentecostes] no 50º dia (contagem inclusiva) a partir do primeiro Domingo após a Páscoa; a sua contagem regulava a observância pública desde que o Templo estivesse de pé... Os Fariseus, no entanto, interpretavam o ‘Sábado’ de Levítico 23:15 como sendo a Festa dos Pães Asmos (cf. Lev.23:7) e a sua contagem tornou-se normativa no judaísmo após 70 d.C. de tal forma que no calendário judaico, o Pentecostes pode agora calhar em vários dias da semana.” (*The New Bible Dictionary*)

J.Van Goudoever na sua obra *“Biblical Calendars”* afirma ainda:

“O sistema sacerdotal em Jerusalém foi derrotado provavelmente na segunda metade do primeiro século (juntamente com a queda de Jerusalém e do seu Templo).”

Este foi o prego no caixão dos argumentos Farisaicos<sup>12</sup>.

## A Vitória Farisaica

A partir daqui torna-se evidente o porquê da tal ausência nos Escritos Apostólicos a referências sobre esta polémica. Na realidade, até à destruição do Templo no ano 70 d.C., quem controlava o calendário eram os Saduceus e todo o Israel, incluindo os Fariseus, seguiam esses cálculos, pelo menos no que toca aos sacrifícios a apresentar no Templo nesse dia. Existem evidências de que no seu meio, os fariseus poderiam até celebrar outra data, mas no que toca ao cumprimento dos mandamentos referentes aos sacrifícios próprios desse dia, eles tinham de se pautar pelo calendário dos Saduceus pois eram estes que controlavam o Templo. Ao contrário da Páscoa que era uma solenidade popular – envolvendo todo o povo – a oferta das Primícias era algo que ocorria apenas no Templo e da exclusiva responsabilidade do Sumo-Sacerdote<sup>13</sup>. Como tal, os fariseus não tinham como forçar os Saduceus a adoptarem as suas práticas a menos que detivessem o controlo do Templo, algo que só veio a acontecer dois anos antes da sua destruição.

Através deste acontecimento podemos precisar ainda mais a altura em que os fariseus tomaram conta deste e outros assuntos, ou seja, assumiram definitivamente a ascendência sobre os saduceus e afirmar que foi ainda antes da destruição do Templo. Mais concretamente no ano 67 d.C.

No ano 66 d.C. teve início uma revolta popular contra Roma. Na sequência desta, no ano 67 d.C., em Novembro, os zelotas hassidicos, um grupo de fariseus extremistas tomaram conta de Jerusalém. Pouco depois deste acontecimento e instigada pelo Sumo-Sacerdote Ananus (saduceu), a população subleva-se contra eles. Os zelotas, porém assassinam o Sumo-Sacerdote juntamente com muitas das famílias aristocráticas (saduceias) e tomam controlo do Templo de YHWH, transformando-o no seu quartel-general. A partir deste momento eles controlam o Templo e com ele o sacerdócio.

Josefo conta-nos o seguinte acerca do que se seguiu:

“A estes horrores acrescentaram uma pitada de troça mais vexante que as suas acções. Pois, para testar a submissão abjecta da população e provar a

---

<sup>12</sup> Diga-se, no entanto, em abono da verdade, que existem outras opiniões académicas segundo as quais, seriam os próprios Fariseus a ditar as regras no Templo. Isto é verdade mas apenas se verificou a partir do ano 67 d.C. como veremos já de seguida.

<sup>13</sup> Isto no tempo de Y'shua pois como veremos mais adiante o mandamento reflecte uma realidade muito diferente.

sua própria força, eles nomearam os sumo-sacerdotes por sortes, apesar de, conforme já dissemos, a sucessão ser hereditária. Por acaso, a sorte caiu sobre um que provou ser uma ilustração emblemática da sua depravação; era um indivíduo de nome Pani, filho de Samuel, da aldeia de Aftia, que não só não era descendente dos sumo-sacerdotes, mas era um tal palhaço, que mal sabia o significado do sumo-sacerdócio. Seja como for, eles arrastaram a sua relutante vítima da província e, vestindo-o para o seu papel, como se num palco, puseram sobre ele as vestes sagradas e instruíram-no sobre como proceder...” (Flávio Josefo, “Guerras dos Judeus”, 4:3:7-8)

Uma vez que foram estes fariseus radicais chamados zelotas<sup>14</sup> que, conforme Josefo nos diz, instruíram o suposto (e imposto) Sumo-Sacerdote sobre como proceder, é mais que provável que tenha sido a partir desta altura que o método farisaico de contagem para o Pentecostes tenha sido imposto no Templo.

Assim sendo, a primeira ocasião em que este método teria sido empregue a nível nacional seria no Pentecostes da Primavera seguinte em 68 d.C. Nesse ano, a oferta das Primícias no Templo terá certamente ocorrido na data fixa de 16 do Abib e o Pentecostes a 6 de Sivan.

Este Pani foi também o último Sumo-Sacerdote a servir no Templo antes da sua destruição em Setembro do ano 70 d.C. Com essa destruição findou por completo qualquer poder ou influência que os saduceus ainda pudessem ter.

## O Testemunho de Y'shua

Existe uma passagem que, de uma forma indirecta, serve para termos por parte de Y'shua uma validação do calendário empregue pelos Saduceus, que é a sua célebre leitura da passagem de Isaías 61:1-2.

“<sup>16</sup>Chegando a Nazaré, onde fora criado; entrou na sinagoga no dia de sábado, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. <sup>17</sup>Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías; e abrindo-o, achou o lugar em que estava escrito: <sup>18</sup>O Espírito do Senhor [YHWH] está sobre mim, porquanto [YHWH] me ungiu para anunciar boas novas aos pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos, e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, <sup>19</sup>e para proclamar o ano aceitável de [YHWH]. <sup>20</sup>E fechando o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e os olhos de todos

---

<sup>14</sup> Note-se o tom altamente crítico do texto de Josefo em relação às acções destes zelotas apesar de eles, como ele próprio, serem fariseus.

na sinagoga estavam fitos nele. 21 Então começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu esta escritura aos vossos ouvidos.” (Lucas 4:16-21)<sup>15</sup>

A quase totalidade dos comentadores bíblicos é unânime em considerar que o “Ano Aceitável do Senhor” é uma referência a um ano de Jubileu, o ano em que os presos eram soltos e os escravos libertos o que está de pleno acordo com todo o contexto da passagem de Isaías. Y’shua faz esta afirmação logo no início do seu ministério no ano 27 d.C. que, de acordo, com o calendário dos Saduceus, foi o primeiro Jubileu da nossa era. O ano seguinte – 28 d.C. – já é o primeiro ano da contagem para o primeiro ano sabático da contagem para o próximo jubileu. De acordo com o calendário do Templo os anos Sabáticos foram os anos 34, 41, 48, 55, 62, 69, e 76, com o segundo Jubileu calhando em 77 d.C.

Mas em que é que isto nos ajuda?

Foi encontrado um título de empréstimo em Wadi Murabba, próximo de Belém<sup>16</sup>. Este documento associa o segundo ano de Nero com o ano da remissão. Ano de remissão é um dos nomes que é dado ao ano Sabático (ver Deut.15:1-2) porque nesses anos todas as dívidas eram perdoadas e todos os que se encontrassem em posições servis seriam remidos e libertos (Êx.21:1-6). Ora Nero sobe ao trono a 13 de Outubro de 54 d.C., após a morte de Cláudio. O seu segundo ano corresponde, portanto, ao ano civil de 55 d.C. que é o tal ano que vem identificado no documento como o ano da remissão. Se repararem acima, 55 d.C. foi precisamente um ano Sabático ou de Remissão de acordo com o calendário do Templo. Isto prova, não só que em 55 d.C. o calendário que ainda vigorava era o do Templo, ou seja, o dos Saduceus (e vigorou até 67 d.C. conforme já vimos), como também que Y’shua, pela sua afirmação está indirectamente a validar o calendário que era usado então por oposição aos calendários dos fariseus e dos essénios que eram diferentes.

Que os fariseus se regiam por outros cálculos está bem patente por exemplo nas obras de Josefo que nos apresenta outras datas para vários eventos, que não são consentâneas com o calendário bíblico mas sim com as alterações entretanto introduzidas pelos Fariseus. Nada mais natural pois Josefo era um Fariseu que escreveu as suas obras já depois da queda do Templo no ano 70 d.C., que é o mesmo que dizer, já depois do calendário farisaico ter destronado o calendário bíblico preservado e empregue pelos saduceus, como calendário “oficial”.

No entanto, que o método Saduceu era o mais antigo e original método de contagem, não restam dúvidas. Curiosamente é o próprio Josefo, um fariseu, que inadvertidamente nos fornece mais uma prova de tal facto.

---

<sup>15</sup> O texto foi corrigido de acordo com a sua versão original em Isaías por forma a incorporar o Nome de Deus (em parêntesis rectos).

<sup>16</sup> [www.kchanson.com/ANCDPCS/westsem/loan.html](http://www.kchanson.com/ANCDPCS/westsem/loan.html)

## Novamente Josefo

Diz ele, citando um outro autor mais antigo – Nicolau de Damasco, o biógrafo de Herodes o Grande – que, quando o líder hasmoneano Hircano estava em expedição com o seu exército, o exército teve de parar durante dois dias seguidos por causa do Pentecostes. Josefo diz:

“pois era a Festa do Pentecostes, após o Sábado, e não nos é permitido marchar nem no Sábado nem num dia de Festa.” (Antiguidades, 13:8:4)

Portanto, de acordo com o seu relato, o Pentecostes ocorreu a um Domingo, ou seja, logo após o Sábado semanal. Seria um mero acaso nesse ano?

A resposta é não!

Hircano realizou esta campanha contra a Pártia como aliado de Antíoco VII (Antíoco Sidetes – não confundir com o Epifânio). Antíoco VII morreu no final desta campanha na Primavera do ano 129 a.C. No entanto, Antíoco VII só subjuguou a Judeia no Outono do seu 5º ano de reinado – 133/132 a.C. Como tal, esta campanha de Hircano ao lado de Antíoco VII só se poderia ter realizado no período de 133 a 129 a.C. Nem antes, nem depois.

No entanto, podemos excluir o ano de 133 a.C. uma vez que a conquista da Judeia só se deu no Outono e nós estamos a falar do período do Pentecostes (Maio/Junho). Podemos também excluir o ano de 129 a.C. uma vez que Antíoco VII morreu antes do Pentecostes desse ano. Assim, resta-nos um cenário possível entre 132 e 130 a.C.

Porém, pelos cálculos farisaicos, em nenhum desses três anos o Pentecostes calhou no dia a seguir a um Sábado semanal<sup>17</sup>.

Assim sendo, o relato de Josefo comprova que o método de contagem em vigor cerca de século e meio a.C. era o método Saduceu segundo o qual o Pentecostes calha sempre a um Domingo. Por isto o exército se imobilizou durante dois dias seguidos. Não por um acaso mas porque o Pentecostes calhava sempre a seguir ao Sábado semanal e o exército não podia marchar nem num dia nem no outro.

## O Método de Contagem

Antes de avançar mais com o trabalho convém começar por esclarecer que a Palavra de Deus nos apresenta um único método de contagem para a

---

<sup>17</sup> De acordo com o software Voyager II v.2.06, os dias de Pentecostes pelo método farisaico teriam calhado nos seguintes dias: 132 a.C. – 5/6 Junho (Quarta para Quinta); 131 a.C. – 25/26 Maio (Domingo para Segunda) ou, possivelmente, 26/27 Maio (Segunda para Terça); 130 a.C. – 14/15 Maio (Quinta para Sexta) ou, possivelmente, 15/16 Maio (Sexta para Sábado).

determinação do dia de Pentecostes. Na descrição deste método, porém, a Palavra de Deus dá duas características importantes:

“15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete Sábados ínteiros serão.  
16 Até ao dia seguinte ao sétimo sábado, contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos a YHWH.” (Lv 23:15-16)

“Sete semanas contarás; desde que a foíce começar na seara iniciarás a contar as sete semanas.” (Dt 16:9)

1. Desde o dia da oferta das Primícias contaremos sete Sábados completos e o dia seguinte é Pentecostes;
2. Contaremos 50 dias até ao dia seguinte ao sétimo Sábado;
3. Contaremos sete semanas desde o dia da oferta das Primícias.

O método de contagem é único, porém são-nos dadas várias características que se complementam. Sete vezes sete Sábados (que se começam a contar a partir do primeiro dia da semana) dá sete semanas completas, ou 49 dias sendo o dia seguinte ao sétimo Sábado o quinquagésimo dia, ou Pentecostes.

Isto é o mesmo que contar simplesmente 50 dias a partir do dia da oferta das Primícias.

Assim, de acordo com a Torá, o Pentecostes não é apenas o quinquagésimo dia após a oferta das Primícias mas também o dia a seguir ao sétimo Sábado.

Muita gente (inclusivé judeus rabínicos) reconhecem a inconsistência de contar para o Pentecostes pelo método rabínico, pois se o primeiro dia dos Asmos (15 do Abib) calhar a uma Quarta-Feira, a apresentação das Primícias pelo método rabínico (16 do Abib) será necessariamente a uma Quinta-Feira, tal como o Pentecostes. Ora a Lei diz que o Pentecostes será o dia a seguir ao sétimo Sábado, não à sétima Quarta-Feira.

Torna-se então perfeitamente claro que o termo Shabbat em Levítico 23:15-16 se refere, em todas as instâncias, ao Sábado semanal dentro da semana dos Asmos, caso contrário a contagem não bateria certo a maior parte das vezes.

Faz, aliás, perfeito sentido que a festa das Primícias onde se apresentam os primeiros frutos da terra, se observe no primeiro dia da semana.

### **O Termo ‘Shabbat’**

Tendo ouvido os argumentos de ambos os lados, o autor fez ele próprio uma busca ao termo ‘Shabbat’ usando o software, “Interlinear Scripture Analyzer 2”

e não encontrou uma única instância em que o termo 'Shabbat' apareça com o significado de 'semana'.

A '*Englishman's Hebrew Concordance*' apresenta ainda todas as ocorrências das palavras 'Shabbat' (Strong's #7676) e 'Shabbaton' (Strong's #7677) e mais uma vez, em nenhuma dessas ocorrências, qualquer destas palavras assume o significado de 'semana'.

Por outro lado, a palavra para semana – "*shabua*" (Strong's #7620) – nunca assume o significado de 'Sábado'. Tal é confirmado também pela '*Englishman's Hebrew Concordance*' e pelo próprio autor que efectuou uma busca usando o mesmo software bíblico acima referido.

Assim, '*Shabbat*' nunca significa 'semana', nem '*Shabua*' alguma vez significa Sábado.

Que fazer então do que o '*Brown-Driver-Briggs Hebrew-English Lexicon*' diz a respeito da palavra '*Shabbat*'? Recordemos:

1) Sabbath

1a) sabbath

1b) day of atonement

1c) sabbath year

1d) **week**

1e) produce (in sabbath year)

Relembremos o que dizem outros reputados léxicos a respeito da palavra '*Shabbat*':

Strong's diz:

intermission, that is, (specifically) the Sabbath

a prim. root; to repose, i.e. desist from

exertion.....cease.....

Theological Wordbook Of The Old Testament:

Shabbat cease, desist, rest...cessation...Sabbath...keep the sabbath.....Sabbath observance.....

Em lado algum estes outros léxicos sequer sugerem 'semana' como um significado possível da palavra '*Shabbat*'.

É muito provável que os autores do BDB se tenham baseado precisamente na interpretação rabínica (a dominante) de Levítico 23:15-16 para afirmar que um dos significados possíveis da palavra '*Shabbat*' é 'semana'. Outras obras, conforme vimos afirmam precisamente o contrário e o próprio autor não conseguiu localizar um único exemplo de tal ocorrência nas Escrituras. O que há a dizer a respeito disto é que, no que toca a esta definição, os autores deste léxico, cometeram um erro.

O argumento rabínico apoia-se quase exclusivamente na passagem de Deuterónimo 16:9.

“Sete semanas [shabua] contarás; desde que a foíce começar na seara iniciarás a contar as sete semanas.” (Dt 16:9)

Alegam eles que esta passagem interpreta a de Levítico. Uma vez que esta passagem usa o termo ‘semanas’ e não ‘Sábados’ como em Levítico, então isso significa que a palavra ‘Sábados’ em Levítico deve assumir o significado de ‘semanas’. Nada mais falso.

Existe uma única passagem que nos dá detalhadamente o método de contagem para o Pentecostes bem como as instruções respeitantes a todas as demais solenidades de YHWH. Essa passagem é o capítulo 23 de Levítico. Todo o livro de Deuterónimo é uma revisão da Lei que, nalguns casos, não entra em tão grandes pormenores como passagens anteriores (neste caso Lev.23) pelo simples facto de que já eram conhecidas.

Pergunta 1: se contarmos sete sábados semanais, conforme instrui a passagem de Levítico, não estaremos também a contar sete semanas, como diz Deuterónimo? Claro que sim!

Pergunta 2: pelo simples facto de Deuterónimo usar o termo ‘semanas’, isso implica que devemos interpretar a palavra ‘Sábados’ de Levítico, como ‘semanas’ e não como ‘Sábados’, contrariamente a todas as evidências linguísticas? Claro que não!

Não só uma passagem não exclui a outra, como a passagem de Deuterónimo não é dada como esclarecimento da de Levítico mas apenas como uma mais breve e genérica descrição do método de contagem. O que podemos afirmar com segurança é que Levítico, sendo mais preciso, esclarece Deuterónimo e nunca o contrário.

## Sábados Completos

A passagem de Levítico 23:15-16, acima transcrita, diz:

“...sete Sábados ínteiros [tamimoth] serão...”

A palavra “*tamimoth*” (plural de “*tamiyim*”) é a palavra #8549 de Strong’s e significa “perfeito, completo, inteiro, sem mácula”<sup>18</sup>. Literalmente, o que está escrito no texto é:

“...sete Sábados perfeitos [completos ou ínteiros] serão...”

---

<sup>18</sup> É usada, por exemplo, nos versículos 12 e 18 do mesmo capítulo, em referência aos cordeiros pascais que deviam ser “sem mácula”

O que são “Sábados perfeitos”? Obviamente, serão sete sétimos dias – Sábados semanais – completos. Mas completos em que sentido?

Alguns autores que defendem a posição farisaico-rabínica alegam que o facto desta palavra aparecer associada à palavra Shabbat pressupõe que Shabbat assume o sentido de ‘semanas’. Afinal, raciocinam eles, não faz muito sentido dizer ‘Sábados completos’. Bastaria dizer ‘sete Sábados’. À partida seriam completos. No entanto, se se tratar de uma semana já faz mais sentido esclarecer que se trata de uma semana completa.

A este raciocínio podemos contrapor outro. Se de facto o sentido pretendido por Moisés fosse o de ‘semanas’, porque teria ele empregue o termo ‘Shabbat’ que não surge com esse significado em mais lado nenhum? Sobretudo considerando que a língua hebraica possui outra palavra exclusivamente com o sentido de ‘semanas’. Somos obrigados a admitir que o uso da palavra ‘Shabbat’ é propositado.

No entanto, temos de admitir que a questão levantada faz sentido. Não tem muita lógica usar o adjectivo ‘completo’ ou ‘perfeito’ se o objecto desse adjectivo fosse um único dia. É de admitir então o significado de ‘semanas’. Não, porém, como significado possível de ‘Shabbat’ pois não existe qualquer precedente para isso, mas como uma simples metáfora. Mas porquê esta metáfora e porquê com a palavra ‘Shabbat’?

Como a posição farisaico-rabínica sustenta que o dia das Prímicias calha sempre na data fixa de 16 do Abib e essa data, obviamente, pode calhar em qualquer dos sete dias da semana, eles sustentam que ‘sete sábados completos’ significam sete grupos quaisquer – ou ‘imperfeitos’ – de sete dias. Exemplificando: se 16 do Abib calhar a uma Quarta-Feira, a semana contar-se-à de Quarta-Feira a Terça-Feira da semana seguinte. Porém, não temos qualquer exemplo nas Escrituras, da palavra ‘semana’ alguma vez se aplicar a um simples grupo de sete dias. Todos os exemplos apontam para uma semana completa de Domingo a Sábado<sup>19</sup>. Uma semana bíblica é equivalente à semana da criação – que começa no primeiro dia (Domingo) e termina no sétimo dia (Sábado) – e não apenas um qualquer grupo “imperfeito” de sete dias, conforme pretendem os Fariseus e o judaísmo rabínico, até porque, como vimos acima, a palavra ‘shabbat’ nunca assume o significado de ‘semanas’.

O próprio Moisés, ao usar o termo ‘sete Sábados completos’ ou perfeitos nos está a dar a resposta. Tem de ser uma semana que termina no Sábado semanal<sup>20</sup>. Sete semanas completas de Domingo a Sábado. Se assim não fosse, não só este texto não fazia sentido como ainda não haveria maneira do Pentecostes calhar invariavelmente após o sétimo Sábado.

---

<sup>19</sup> O mesmo se passa com a palavra ‘mês’ que é sempre usada para se referir ao período do 1º ao último dia de um mês e nunca a um qualquer grupo de 30 dias.

<sup>20</sup> Aliás, biblicamente, o único ponto de referência que foi dado ao povo no deserto com o maná para marcar o início e o fim de cada semana, foi o Sábado.

‘Sete Sábados completos’ é assim uma referência a sete semanas bíblicas – do 1º ao 7º dias – completas que terminam no Sábado semanal, ou seja, 49 dias. O dia seguinte ao sétimo Sábado é o Pentecostes.

É este o entendimento do célebre autor Karaita do Séc.XIV, Samuel al-Magribi:

“A expressão ‘sete Sábados completos’ significa que cada Sábado deve funcionar como o dia de encerramento da semana, por forma a distinguir de um Sábado que calhe no meio de um período diferente de sete dias, semana essa não considerada ‘completa’ uma vez que não é uniforme com a sequência dos sete dias da Criação. O significado de ‘completo’ é assim, que a semana deve concluir com um Sábado o que é conforme à ordenança, ‘*Sete semanas contarás*’ (Deut.16:9), cada semana terminando com um Sábado... A razão pela qual as Escrituras mencionam ‘Sábados’ antes de ‘dias’ (Lev.23:16) é porque os Sábados são supostos estarem directamente relacionados com o Sábado referido anteriormente, nomeadamente, o que é mencionado em ‘*No dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá*’ (Lev.23:11)

“Sábados completos” são, portanto, Sábados de conclusão da semana. “Sete Sábados completos são, portanto, sete semanas completas a terminarem no último dia, ou seja, num Sábado.

Estar a citar um autor Karaita para defender a posição Karaita, pode ser raciocínio circular, porém temos de admitir que esta lógica faz muito mais sentido que a farisaica e está de acordo com todas as passagens, ao contrário da farisaica.

Se aceitarmos este raciocínio, ele também é válido para a passagem de Deuterónimo 16:9.

“Sete semanas [shabua] contarás; desde que a foice começar na seara iniciarás a contar as sete semanas.” (Dt 16:9)

Obviamente, que as semanas referidas aqui são igualmente semanas completas de Domingo a Sábado e não um qualquer grupo de sete dias, como pretendem os defensores da posição farisaico-rabínica.

## O Artigo Definido

Vamos reler a passagem já corrigindo ‘semanas’ por ‘sábados’ e atentemos para outro aspecto:

“11 e ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos. No dia seguinte ao sábado [ha-shabbat] o sacerdote o moverá.

15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado [ha-shabbat], desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete Sábados [shabbatot] inteiros serão. 16 Até ao dia seguinte ao sétimo [ha-shebiyi] sábado [ha-shabbat], contareis cinquenta dias; então oferecereis nova oferta de alimentos a YHWH.” (Lv 23:11,15-16)

Sempre que a palavra ‘Shabbat’ aparece nestes dois versículos, ela é antecedida pelo artigo definido ‘ha’, ou seja, ‘o’. Isto significa que nestes dois versículos é sempre ‘o Sábado’. Não se trata de um Sábado qualquer mas sempre de ‘o Sábado’ – um muito concreto. A passagem literalmente lê mesmo da seguinte forma: ‘o Sábado, o sétimo’

Vejamos agora como as palavras ‘Shabbat’, ‘Shabbatot’ (plural de ‘Shabbat’) e ‘Shabbaton’ (repouso) são usadas literalmente no contexto imediato de Levítico 23.

Vers. 3 – referente ao Sábado semanal:

*‘e no dia, o sétimo Shabbat Shabbaton’; ou seja,*

*‘e no dia, o sétimo Sábado repouso’.*

Vers. 24 – referente ao Dia das Trombetas:

*‘será para ti descanso (Shabbaton)’.*

Vers. 32 – referente ao Dia da Expição:

*‘Shabbat shabbaton é para ti [...] guardareis Sábado vosso’; ou seja,*

*Sábado descanso é para ti [...] guardareis Sábado vosso’.*

Vers. 38 – referente, mais uma vez, aos Sábados semanais, é usada a palavra ‘Shabbatot’ (plural de ‘Shabbat’):

*‘Shabbatot de YHWH’.*

Em todas as demais ocorrências da palavra ‘Shabbat’ neste capítulo, sempre que ela se refere ao Sábado semanal, é antecedida pelo artigo definido ‘ha’ – (o Sábado) – porém, nas raras ocasiões em que a mesma palavra é aplicada a

uma Solenidade anual, aparece sem o artigo definido 'o'. Isto significa que essas solenidades são descritas como Sábados, mas não como 'o Sábado'<sup>21</sup>.

Mais, na única outra passagem em que a palavra '*Shabbatot*' (plural de '*Shabbat*') é usada neste mesmo capítulo, é em referência ao Sábado semanal.

Mesmo saindo do contexto deste capítulo, as únicas outras exceções em que o termo '*Shabbat*' se aplica a outros dias ou períodos que não o Sábado semanal, são a sua aplicação ao Dia da Expição em Levítico 16:31 e ao ano Sabático em Levítico 25:4.

Em Levítico 16:31 em que o termo se refere ao Dia da Expição, ele também carece do artigo definido '*ha*'. No caso de Levítico 25:4 em que '*Shabbat*' se refere ao ano sabático, ele já é antecedido de artigo definido mas aí o período temporal não é um dia mas sim um ano. Isto permite-nos concluir que sempre que o Sábado em questão é o sétimo de um período temporal (seja em dias ou em anos) ele é antecedido pelo artigo definido '*ha*'. É 'O Sábado'

Assim sendo, determinado que está o contexto do uso destes dois termos neste capítulo (e não só), o que é que nos fará pensar que estes mesmos termos nos versículos 11, 15 e 16 têm um significado diferente? Convenhamos que é completamente ilógico.

Adicionalmente, em Levítico 23, a palavra '*Shabbat*' não é usada em relação a qualquer das duas santas convocações da semana dos Asmos. O termo usado em relação, quer ao dia 15 do Abib, quer ao dia 21, é '*mikra kodesh*' – 'convocação santa'.

Nem em Levítico 23 nem em qualquer outra passagem:

1. Qualquer das convocações do período dos Asmos é descrita pelo termo '*Shabbat*';
2. Nenhuma solenidade anual é descrita por '*ha-shabbat*' – 'o Sábado'.

A palavra para 'semanas' ('*shabua*') não é usada de todo em Levítico 23. Levítico 23 não nos diz para contarmos sete semanas mas sim sete sábados completos ou perfeitos, e para contar o dia seguinte ao sétimo sábado.

Adicionalmente podemos notar que Levítico 23 atribui datas específicas quer para a Páscoa (14 do Abib) quer para o primeiro dia dos Asmos (15 do Abib), mas não atribui uma data fixa ao dia das Primícias, dizendo apenas que é no dia seguinte a 'o Sábado'. O mesmo se passa com o Pentecostes, onde nos é dito que é no dia seguinte a 'o sétimo Sábado'.

---

<sup>21</sup> Levítico 23 não é caso único. Por exemplo, Ezequiel 46:1, que se refere aos Sábados semanais, usa também '*ha-shabbat*'.

Assim sendo, para permanecermos fiéis não só ao contexto da passagem como ao uso da própria palavra noutras passagens, temos de interpretar *'ha-Shabbat'* como referindo-se ao Sábado semanal.

### **Josué 5:10-11**

Apesar de tudo o que já foi dito a respeito desta passagem ela ainda não está esgotada. Entende o autor que nem a interpretação Rabínica nem a Karaita estão de todo correctas. Reproduzamos novamente a passagem:

“10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. 11 E, ao outro dia depois da páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do fruto da terra, pães ázimos e espigas tostadas.” (Js 5:10-11)

Há aqui essencialmente duas questões que convém aclarar:

#### **'Mimochorat HaShabbat'**

Este argumento gira em torno da expressão *'mimochorat HaShabbat'* que encontramos em Levítico 23:15-16 traduzida por 'o dia seguinte ao Sábado' e de como a mesma palavra *'mimochorat'* em Josué 5:11 a pode esclarecer. Em Josué encontramos esta palavra na expressão 'ao outro dia depois da Páscoa'.

Na verdade, o termo *'mimochorat'* tanto pode significar 'manhã' como 'dia seguinte'. Nesse sentido, a KJV traduz bem quando traduz:

Lev.23:15 – “from the morrow after the sabbath”

Jos.5:11 – “on the morrow after the Passover”

A palavra inglesa “morrow” tem a seguinte definição de acordo com [www.thefreedictionary.com](http://www.thefreedictionary.com)

1. The following day
2. The time immediately subsequent to a particular event.
3. *Archaic* The morning.

Como se pode ver, esta palavra actualmente significa 'dia seguinte', porém, num inglês mais arcaico, tinha também o sentido de 'manhã'.

Num estudo bíblico datado de 1893, e que nada tem a ver com este assunto, o autor fazia a seguinte afirmação:

“though the word morrow, or morning, in our language signifies the next civil day, because our evening and subsequent morning are in different days, yet, amongst the Jews, when opposed to the preceding night or evening, it meant

the same civil day; because, with them, the evening and following morning were in the same day.”<sup>22</sup>

Ou seja, o que ele diz é que, muito embora já em 1893 a palavra ‘morrow’ significasse o dia civil seguinte, porque para nós a manhã seguinte é sempre num dia diferente do actual, para os judeus, na realidade, era o mesmo dia quando comparado com a noite anterior porque para eles a manhã que se seguia à noite ainda era o mesmo dia.

Portanto, a tradução de ‘*mimochorat*’ feita pela KJV está bem feita porque da mesma forma que ‘*mimochorat*’ tanto pode significar ‘manhã’ como ‘dia seguinte’, também a palavra inglesa ‘morrow’ pode assumir os mesmos significados. Na JFA isso já não é tão patente pois é sempre assumido que se trata do dia seguinte.

Agora, qual dos significados é que devemos ler quer numa quer na outra passagem? Não é claro.

Como tal, se interpretarmos ‘*mimochorat*’ como ‘manhã seguinte’ em Josué 5:11 e ‘Páscoa’ no sentido estrito de dia 14 – como fazem os Karaitas –, isso será a manhã do dia 15 do Abib, e nesse caso, a expressão “*mimochorat HaShabbat*” de Lev.23:15-16 significa então a manhã a seguir ao Sábado, ou seja, a manhã de Domingo. Isto permite-lhes deduzir que no ano da entrada do povo na Terra Prometida, o dia 14 do mês do Abib calhou a um Sábado.

Porém se interpretarmos ‘*mimochorat*’ como ‘dia seguinte’ e ‘Páscoa’ como abrangendo o dia 15 – como fazem os Rabis – isso corresponderá ao dia 16 do Abib. Assim, o que a passagem de Josué nos diz é precisamente o inverso. O povo celebrou a páscoa no dia 14 à tarde (que por definição se estendeu até à manhã de 15) e no dia seguinte à Páscoa comeram dos frutos da terra. Ora como a Páscoa termina no dia 15, o dia seguinte à Páscoa é forçosamente o dia 16 do mês do Abib.

Resumindo:

<u>Fariseus / Rabís</u>	<u>Saduceus / Karaitas</u>
Páscoa = dias 14 e 15	Páscoa = dia 14 à tarde
‘ <i>Mimochorat</i> ’ = Dia seguinte	‘ <i>Mimochorat</i> ’ = Manhã seguinte
=> dia 16 do Abib	=> dia 15 do Abib

Devido à ambiguidade da palavra, não parece que este argumento leve a algum lado. Mas porque não deixamos que a passagem se interprete a si própria?

Na verdade, se analisarmos as Escrituras vamos encontrar passagens onde a palavra ‘Páscoa’ significa apenas o dia 14, outras onde abrange o 14 e o 15 e

---

<sup>22</sup>[www.polachek.net/books/misc\\_religion/Higgins,%20Godfrey%20-%20Horae%20Sabbaticae.doc](http://www.polachek.net/books/misc_religion/Higgins,%20Godfrey%20-%20Horae%20Sabbaticae.doc)

outras ainda onde compreende o 14 bem como toda a semana dos Asmos. Não parece razoável ao autor que andemos à procura de âmbitos temporais para essa palavra noutras passagens, quando a própria passagem em análise é bem clara quanto ao âmbito que essa palavra assume. Logo no versículo 10 lemos:

“10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó. (Js.5:10)

Claramente então, ‘Páscoa’ significa, nesta passagem, apenas o sacrifício pascal do dia 14 à tarde. Nada neste versículo abrange ou sugere o dia 15. Muito embora a ceia pascal se celebre já no dia 15, Josué aqui está apenas a referenciar o sacrifício pascal que se realiza quando? No dia 14 à tarde. Portanto, o contexto está dado. Páscoa, em Josué 5:10, refere-se apenas ao sacrifício do dia 14 do Abib.

Assim sendo, quer interpretemos ‘*mimochorat*’ como ‘dia seguinte’ quer como ‘manhã seguinte’, estaremos sempre a referenciar o dia 15 do Abib, como defendem os Saduceus e Karaitas.

Consequentemente, quer interpretemos ‘*mimochorat*’ como ‘dia seguinte’ quer como ‘manhã seguinte’ na passagem de Lev.23:15 – “desde o dia seguinte ao sábado [ha-shabbat]” – e considerando, como já vimos, que ‘sábado [ha-shabbat]’ se refere sempre a um Sábado semanal e nunca a uma solenidade anual, ela apontará sempre para a manhã ou dia seguinte ao Sábado Semanal, ou seja, Domingo, conforme sustentam os Saduceus e Karaitas.

## O que comeram exactamente?

Mas há um outro aspecto que devemos analisar.

Relembremos mais uma vez a passagem mas desta vez com o versículo 12:

“10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a Páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas planícies de Jericó. 11 E, ao outro dia depois da Páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do produto da terra [aboor], pães ázimos e espigas tostadas. 12 E no dia depois de terem comido do produto da terra [aboor], cessou o maná, e os filhos de Israel não o tiveram mais; porém nesse ano comeram dos produtos [t’buah] da terra de Canaã.” (Js 5:10-12)

A tradução JFA é muito deficiente aqui pois traduz como ‘produto da terra’ a palavra hebraica ‘*aboor*’ (Strong’s 5669) dando-nos a entender que se tratava de produtos colhidos naquele ano e não distinguindo da palavra ‘*t’buah*’ (Strong’s 8393) que surge no vers.12 e que, essa sim, significa produto, colheita da terra.

‘Aboor’ significa ‘passado, guardado, armazenado, grão velho’; ao passo que, ‘t’buah’ significa ‘rendimento, produto, ganho’.

Esta passagem deveria estar traduzida da seguinte forma:

“<sup>10</sup> Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas planícies de Jericó. <sup>11</sup> E, ao outro dia depois da páscoa, nesse mesmo dia, comeram, do grão velho [aboor] da terra, pães ázimos e espigas tostadas. <sup>12</sup> E no dia depois de terem comido do grão velho [aboor] da terra, cessou o maná, e os filhos de Israel não o tiveram mais; porém nesse ano comeram dos produtos [t’buah] da terra de Canaã.” (Js 5:10-12)

Lembre-mos que o povo de Israel estava proibido de comer do produto da terra desse ano, até terem apresentado o molho das primícias a Deus.

“E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia em que trouxeres a oferta do vosso Deus; estatuto perpétuo é por vossas gerações, em todas as vossas habitações.” (Lv 23:14)

Mas eles não fizeram isso. Eles comeram do grão velho da terra (Israel) – que podia ser grão antigo transportado por eles do lado de lá do Jordão<sup>23</sup> – até ao dia seguinte ao dia 14 à tarde – ou seja, de acordo com o raciocínio anterior, até ao dia 15 do Abib – e só no dia seguinte a este (dia 16) é que cessou o maná e começaram a comer do fruto da terra.

Usando a comparação já anteriormente apresentada entre Levítico 23:14 e a versão corrigida de Josué 5:11, vemos o seguinte:

<u>...não comereis pão</u> , nem <u>trigo tostado</u> ... até <u>àquele mesmo dia</u>				Lev.23:14
1	2	3	4	
<u>nesse mesmo dia</u> , <u>comeram</u> , do grão velho da terra, <u>pães ázimos</u> e <u>espigas tostadas</u>				
4	1	2	3	Jos.5:11

Note-se que as duas passagens, são em tudo paralelas. Dizer:

‘*Não comereis do fruto [novo] da terra até àquele mesmo dia [o dia das primícias]*’; é o mesmo que dizer:

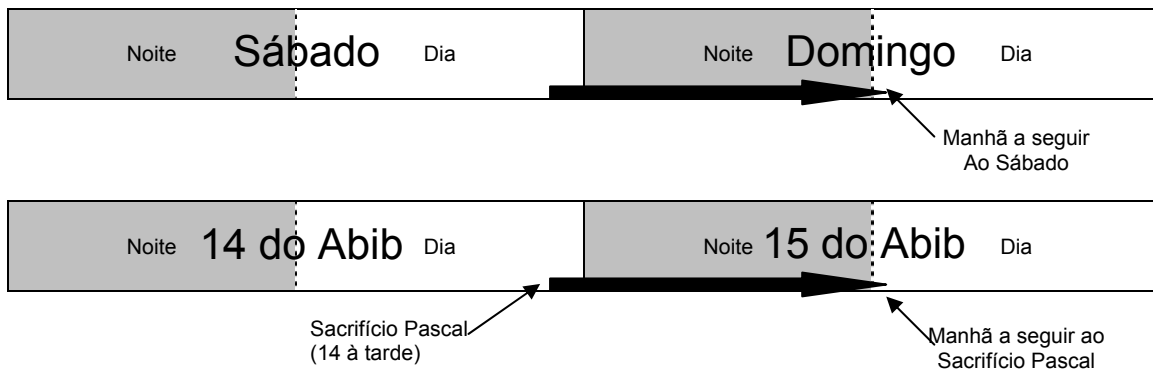
<sup>23</sup> Dificilmente seria grão cananita uma vez que este grão não poderia ser oferecido a YHWH de acordo com Lev.22:25.

‘Naquele mesmo dia comeram do grão velho da terra’.

Assim, Josué corrobora o mandamento de Levítico. Até ao dia seguinte à Páscoa, ou seja, até ao dia 15 do Abib, inclusive, os israelitas comeram apenas do grão velho da terra, mas a partir daí (dia 16) e durante o resto do ano, comeram do fruto da terra desse ano. Este comportamento bem como o paralelismo das duas passagens acima transcritas, apontam para que, de facto, e à semelhança do que sustentam os Saduceus e Karaitas:

1. no ano da entrada do povo na Terra Prometida, o dia 14 do mês do Abib tenha calhado a um Sábado<sup>24</sup>;
2. o dia que corresponderia à apresentação das primícias neste ano da entrada do povo na Terra Prometida, tenha coincidido com o dia 15 do Abib e não com o dia 16 conforme alega o judaísmo rabínico.

Veamos o diagrama já atrás apresentado:



### Mas será que é assim?...

Se não repararam chamo agora a atenção para o facto de, no último parágrafo ter realçado o termo “*que corresponderia*”. É que, de facto, nem tudo o que parece é!

O raciocínio karaita é em tudo correcto mas peca por partir de um pressuposto falso. Aliás, o mesmo pressuposto que é assumido pelo judaísmo rabínico quando usam a mesma passagem para defender a apresentação das primícias a 16 do Abib.

O pressuposto falso é simplesmente partir do princípio que nesse ano da entrada do povo na Terra Prometida houve apresentação de Primícias.

---

<sup>24</sup> Isto porque comeram do grão velho até ao dia que corresponderia à apresentação das Primícias, o que, neste caso, terá sido no dia 15 do Abib. Ora como esse dia ocorria sempre no dia a seguir ao Sábado semanal, é fácil concluir que o dia 15 nesse ano tenha calhado a um Domingo e o 14 a um Sábado. Precisamente o caso particular que analisámos atrás.

Na verdade, muitas das leis dadas a Israel só têm efeito e aplicação na terra de Israel e desde que o povo a tenha colonizado, algo que ainda estava longe de acontecer na altura que Josué 5 relata. Nesta altura eles tinham acabado de entrar na Terra e a sua principal preocupação e empenho era em assuntos militares – guerra<sup>25</sup>.

Eles nunca poderiam oferecer as primícias a Deus nesta altura pelo que nos diz o próprio capítulo 23 de Levítico:

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra que eu vos dou, e segardes a sua sega, então trareis ao sacerdote um molho das primícias da vossa sega.” (Lv 23:10)

Note-se que o que era oferecido era a “vossa sega”. Eles tinham acabado de entrar na terra. Quaisquer colheitas que lá fizessem não seriam deles mas dos cananitas que as semearam. Mas para o caso de alguém alegar que apesar de terem sido os cananitas a semear foram os israelitas a segar e logo a sega era deles, Êxodo 23:16 esclarece o que se entende por “vossa sega”:

“também guardarás a festa da sega, a das primícias do teu trabalho, que houveres semeado no campo; igualmente guardarás a festa da colheita à saída do ano, quando tiveres colhido do campo os frutos do teu trabalho.” (Êx.23:16)

Portanto, o que o povo deveria apresentar a Deus aquando das Primícias, era o fruto do seu trabalho que eles próprios houvessem semeado. Obviamente que qualquer cevada que eles encontrassem nos campos não se qualificava pois essa era fruto do trabalho dos cananitas. Mais, por ser dos cananitas ficava automaticamente desqualificada para ser apresentada a Deus, não só com base na passagem anterior como na seguinte também:

“24 Não oferecereis a YHWH um animal que tiver testículo machucado, ou moído, ou arrancado, ou lacerado; não fareis isso na vossa terra. 25 Nem da mão do estrangeiro oferecereis de alguma dessas coisas o pão do vosso Deus; porque a sua corrupção nelas está; há defeito nelas; não serão aceitas a vosso favor. (Lv 22:24-25)”

Claro que se pode alegar que a passagem anterior apenas refere animais e não cereais, mas creio que o que interessa aqui é o princípio. Deus só aceitará

---

<sup>25</sup> O texto de Josué 5 e 6 permite considerar que as hostes israelitas terão rodeado Jericó pela primeira vez no dia 15 do Abib (o 1º dia da semana dos Asmos) o que significa que a semana que durou o cerco a Jericó corresponde à semana dos Asmos. As muralhas terão ruído no dia 21 do Abib, o último dia dos Asmos e dia de Santa Convocação. Isto teria coincidido com o período em que os habitantes de Jericó teriam as suas próprias celebrações de fertilidade, o que permite ver mais uma vez a supremacia do Deus de Israel sobre os deuses pagãos das nações.

como oferta no seu Santo Templo, algo que provenha do Seu Povo escolhido. Tudo o resto, conforme diz acima, não seria aceite. Será que o fruto do trabalho de um povo pagão seria aceite no Templo do Deus Altíssimo como as Primícias do trabalho do seu povo escolhido, Israel?

Impõe-se agora uma pergunta. Considerando o que vimos atrás, que a oferta das Primícias teria de ser proveniente do fruto do trabalho do povo a partir do momento que este entrasse e colonizasse a terra, será que tal oferta foi realizada aquando dos 40 anos que deambularam pelo deserto? Obviamente que a resposta será não. Por um lado porque deambulavam e não paravam o tempo suficiente para semear fosse o que fosse, esperarem que crescesse e segarem essa colheita, e por outro porque estavam fora da Terra Prometida.

Segunda pergunta: a partir de que momento é que se passou a considerar ter acabado a deambulação pelo deserto? A resposta mais óbvia seria a partir do momento em que entraram na Terra Prometida, certo? Errado! A “Companion Bible” afirma:

“A Festa dos Pães Asmos terminou no dia 21 do Abib à tarde, exactamente 40 anos depois de Êxodo 12:41.”

Note-se bem isto: os 40 anos só terminaram no último dia da Festa dos Pães Asmos desse ano. Assim, para todos os efeitos, quando aquele que seria o dia das Primícias desse ano ocorreu, eles estariam ainda dentro do período dos 40 anos do castigo e como tal impossibilitados de fazer qualquer oferta.

Para além de tudo isto as instruções para o dia das Primícias são as seguintes:

“<sup>10</sup>Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra que eu vos dou, e segardes a sua sega, então trareis ao sacerdote um molho das primícias da vossa sega; <sup>11</sup>e ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos. No dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá. <sup>12</sup>E no dia em que moverdes o molho, oferecereis um cordeiro sem defeito, de um ano, em holocausto ao Senhor. <sup>13</sup>Sua oferta de cereais será dois décimos de efa de flor de farinha, amassada com azeite, para oferta queimada em cheiro suave ao Senhor; e a sua oferta de libação será de vinho, um quarto de him.”  
(Lv 23:10-13)

Assim, para além de acenar o Molho de cevada perante YHWH, as instruções para aquele dia incluíam um holocausto, azeite e vinho. O holocausto requereria um altar e a primeira referência que temos a um é no capítulo 8 de Josué já depois da tomada de Jericó, Ali e Betel. Quanto ao azeite, nem sequer é referido no livro de Josué e o vinho, a primeira referência que temos a ele é em Josué 9:13-14 e aí é pertença de não israelitas (o que o desqualifica para ser oferecido a YHWH), conforme já vimos.

Mais uma vez por aqui verificamos que em Josué 5 não havia ainda condições para oferecer as Primícias a YHWH. Nem havia sequer ainda o que oferecer.

Como se tudo isto não bastasse, existe ainda um outro factor. Como já dissemos atrás, o povo tinha acabado de entrar na Terra Prometida. As partilhas de território a cada uma das tribos e famílias nem sequer haviam sido feitas. Nem poderiam, pois o território ainda não estava conquistado.

As primeiras tribos a receberem a sua porção na herança foram as de Ruben, Gad e parte da de Manassés e isso só acontece no capítulo 14 de Josué. Só no capítulo 22 é que vemos finalmente todas as tribos a terem descanso e a poderem finalmente cultivar a terra.

Mais poderia ser dito mas julgo que basta para esclarecer que em Josué 5 não houve qualquer oferta de Primícias. Os raciocínios apresentados quer por judeus rabínicos/fariseus quer por karaitas/saduceus pecam por assumir que nesse ano se realizou a oferta das Primícias. Por tudo o que já vimos, é impossível que tal tenha acontecido nesse ano.

Porém... poderemos nós desqualificar Josué 5 por completo? Não!

Nesta passagem Deus faz um claro paralelismo com a passagem de Lev.23:14.

Relembremos:

... <u>não comereis pão</u> , nem <u>trigo tostado</u> ... até <u>àquele mesmo dia</u>				Lev.23:14	
1	2	3	4		
<u>nesse mesmo dia</u> , <u>comeram</u> , do grão velho da terra, <u>pães ázimos</u> e <u>espigas tostadas</u>					
4	1		2	3	Jos.5:11

Este paralelismo não é casual.

Mais, relembremos também as conclusões a que chegámos acima:

Josué corrobora o mandamento de Levítico. Até ao dia seguinte à Páscoa, ou seja, até ao dia 15 do Abib, inclusive, os israelitas comeram apenas do grão velho da terra, mas a partir daí (dia 16) e durante o resto do ano, comeram do fruto da terra desse ano. Este comportamento bem como o paralelismo das duas passagens acima transcritas, apontam para que, de facto, e à semelhança do que sustentam os Saduceus e Karaitas:

1. no ano da entrada do povo na Terra Prometida, o dia 14 do mês do Abib tenha calhado a um Sábado<sup>26</sup>;

---

<sup>26</sup> Isto porque comeram do grão velho até ao dia que corresponderia à apresentação das Primícias, o que, neste caso, terá sido no dia 15 do Abib. Ora como esse dia ocorria sempre no dia a seguir ao Sábado semanal, é fácil concluir que o dia 15 nesse ano tenha calhado a um Domingo e o 14 a um Sábado. Precisamente o caso particular que analisámos atrás.

2. o dia que corresponderia à apresentação das primícias neste ano da entrada do povo na Terra Prometida, tenha coincidido com o dia 15 do Abib e não com o dia 16 conforme alega o judaísmo rabínico.

Isto permite-nos concluir que, muito embora nesse ano, ao que tudo indica, não tenha ocorrido qualquer apresentação de Primícias por não estarem reunidas ainda as condições necessárias, ainda assim, com a cessação do maná e o início do consumo do produto da terra apenas a partir do dia em que ocorreria a oferta das Primícias, YHWH estaria já a educar os israelitas para a prática que ocorreria já a partir do ano seguinte.

Ao mesmo tempo estava também a elucidar todos nós quanto ao que fazer no caso particular em que o dia 14 do Abib calhe a um Sábado. Conforme já dissemos atrás:

Isto permite-nos responder a uma outra questão: a contagem começa no Domingo dentro da Semana dos Asmos ou começa com o Domingo a seguir ao Sábado dentro da Semana dos Asmos? Por outras palavras, o que é que tem de calhar na Semana dos Asmos, o “*dia seguinte*” ou “*o Sábado*”? Isto é uma questão que só se coloca quando o dia 15 calha a um Domingo. Quando isto acontece, as primícias são oferecidas no dia 15 ou no dia 22? A questão é solucionada pelo precedente estabelecido aquando da entrada do povo em Canaã. Claramente, pela análise do episódio vemos que as primícias são oferecidas a 15 e não a 22.

### Caso Particular

Uma questão que necessariamente se coloca é o que fazer quando o primeiro dia da semana dos Asmos calha a um Domingo. A resposta já foi dada atrás, mas vamos detalhá-la um pouco mais...

Contagem do Pentecostes quando o 1º dia dos Asmos calha a um Domingo						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
						14 Sacrifício Pascal
15 1º dia Asmos Primícias?	16	17	18	19	20	21 7º dia Asmos
22 Primícias?	23	24	25	26	27	28

O que é que faz disto um caso particular?

A questão neste caso é decidir o que é que tem de calhar dentro da semana dos Asmos (a amarelo em cima) – o Sábado semanal ou o Dia das Primícias que se lhe segue?

No caso acima, se considerarmos que o que tem de calhar dentro da semana dos Asmos é o Sábado semanal (dia 21) então as Primícias e

consequentemente o início da contagem para o Pentecostes terão início no Domingo dia 22 – já fora da semana dos Asmos. Se, porém, considerarmos que o que tem de calhar dentro da semana dos Asmos é o dia das Primícias, então estas calharão no Domingo, dia 15, uma semana mais cedo.

Sem a análise do precedente estabelecido em Josué 5, é extremamente difícil chegar a uma conclusão. É um caso de cada cabeça sua sentença. Porém, e como vimos atrás, YHWH dá-nos um exemplo do que se teria passado precisamente num ano em que o dia das Primícias (apesar de, por tudo o que vimos, provavelmente não terem sido oferecidas nesse ano) teria calhado no primeiro dia dos Asmos – um Domingo.

Se bem que não seja simples optar por uma posição ou pela outra neste caso particular, por causa deste precedente de Josué 5, o autor é da opinião que o que deve calhar dentro da semana dos Asmos é o Domingo das Primícias e não o Sábado semanal. Apesar de existirem raciocínios aparentemente válidos para a outra posição, a opção do autor fundamenta-se neste precedente. O autor reconhece, no entanto, que não existem certezas quanto a este caso particular e, como tal, ninguém deve ser dogmático quanto a ele.

O raciocínio contrário, ou seja, de que o que deve calhar dentro da semana dos Asmos é o Sábado semanal, apresenta-se de seguida:

Podemos afirmar com segurança que em todos os anos teremos sempre um Sábado semanal e um Domingo dentro da semana dos Asmos. Poderão não ser consecutivos (como no caso em análise) mas estarão sempre lá.

O raciocínio é simples... As instruções para a contagem para o Pentecostes incidem sempre sobre o Sábado. O Sábado (semanal como já vimos) é sempre o ponto de referência. O enfoque é sempre no Sábado e nunca no dia a seguir ao mesmo.

Atendendo a que existe apenas um Domingo dentro da semana dos Asmos teria sido muito simples Deus ter mandado Moisés escrever:

“...contareis desde o primeiro dia da semana, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete Sábados inteiros serão.”

Mas Ele não o fez.

Pelo contrário, Ele disse “desde o dia seguinte ao Sábado”.

Consequentemente, o dia que tem de calhar dentro da semana dos Asmos, de acordo com esta lógica, é o Sábado (semanal). O dia das Primícias calhará, nessas ocasiões, fora da semana dos Asmos.

Aliás, diga-se de passagem, que é precisamente o facto do enfoque ser o Sábado que originou esta confusão toda entre os vários movimentos judaicos. A questão era, qual dos Sábados. Se fosse o dia das Primícias que tivesse obrigatoriamente de calhar na semana dos Asmos, não teria havido esta confusão toda uma vez que Domingos na semana dos Asmos só há um.

Da mesma forma, Sábados semanais dentro da semana dos Asmos, há sempre somente um. Esteja ele no início da semana, no meio ou no final, o dia que se lhe segue – Domingo – será sempre o dia das Primícias a partir do qual se inicia a contagem para o Pentecostes.

Este é o raciocínio apresentado por quem defende que o que deve calhar dentro da semana dos Asmos é o Sábado semanal e apresento-o aqui mais uma vez para que todos possamos estar de posse das várias correntes de pensamento. Temos de admitir que é um raciocínio lógico e válido, porém ignora o exemplo dado em Josué 5 de acordo com o qual, tudo se cumpriu logo no dia 15 do Abib que nesse ano teria calhado a um Domingo. Quem sustenta a posição acima descrita alega que o texto não nos diz abertamente em que dia da semana é que os acontecimentos descritos em Josué 5 se teriam passado. É verdade. Porém, como os acontecimentos de dia 15 do Abib são apresentados em paralelo com a passagem de Lev.23:14 que descreve o dia das Primícias e como sabemos já por esta altura que este se realizava sempre no dia a seguir ao Sábado semanal, é fácil deduzir que o dia 15 nesse ano calhou a um Domingo e o 14, necessariamente a um Sábado.

O caso em análise será então assim:

Contagem do Pentecostes quando o 1º dia dos Asmos calha a um Domingo						
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb
						14 Sacrifício Pascal
15 1º dia Asmos Primícias	16	17	18	19	20	21 7º dia Asmos
22	23	24	25	26	27	28

Assim sendo podemos enunciar a seguinte regra:

Quando a Páscoa (dia 14) calha num(a):	A contagem inicia-se sempre no Domingo dentro da semana dos Asmos:							Pentecostes calha no 3º mês (Sivan), no dia:
	15	16	17	18	19	20	21	
Domingo	Seq.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	<b>Dom.</b>	11
Segunda	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	<b>Dom.</b>	Seq.	10
Terça	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	<b>Dom.</b>	Seq.	Ter.	9
Quarta	Qui.	Sex.	Sáb.	<b>Dom.</b>	Seq.	Ter.	Qua.	8
Quinta	Sex.	Sáb.	<b>Dom.</b>	Seq.	Ter.	Qua.	Qui.	7
Sexta	Sáb.	<b>Dom.</b>	Seq.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	6
Sábado	<b>Dom.</b>	Seq.	Ter.	Qua.	Qui.	Sex.	Sáb.	5

Podemos ainda referir que muito embora seja verdade que o ponto de referência em toda esta passagem seja sempre o Sábado semanal, o enfoque da mesma quando refere “o dia a seguir ao Sábado” é no dia a seguir e não no Sábado. Esse argumento não é, portanto, determinante uma vez que tudo depende de onde centremos a nossa atenção – se no Sábado, se no dia a seguir – e isso, obviamente, é subjectivo.

## **Saulo, o Fariseu**

Uma questão interessante que surge pela pena de Paulo é a interpretação que ele faz acerca do feixe das primícias apontar para a ressurreição do Messias.

“Mas de facto Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.” (1Co 15:20)

Na primeira versão deste trabalho apresentámos aquilo que nos pareceu ser um pequeno problema quando admitimos o método de contagem dos Saduceus e Karaitas. Vejamos:

<b>Primícias após Sábado semanal (Contagem dos Saduceus e Karaitas)</b>								
Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom Primícias	Nº de dias de 14 Abib a Primícias
						14 Abib	15 Abib	<b>2</b>
					14 Abib	15 Abib	16 Abib	<b>3</b>
				14 Abib	15 Abib	16 Abib	17 Abib	<b>4</b>
			14 Abib	15 Abib	16 Abib	17 Abib	18 Abib	<b>5</b>
		14 Abib	15 Abib	16 Abib	17 Abib	18 Abib	19 Abib	<b>6</b>
	14 Abib	15 Abib	16 Abib	17 Abib	18 Abib	19 Abib	20 Abib	<b>7</b>
14 Abib	15 Abib	16 Abib	17 Abib	18 Abib	19 Abib	20 Abib	21 Abib	<b>8</b>

Segundo dissemos na altura, os únicos anos em que o número de dias que medeiam entre o dia do sacrifício do cordeiro – 14 do Abib – e o dia das Primícias, de acordo com a contagem dos Saduceus e dos Karaitas, poderiam fielmente tipificar a morte e ressurreição do Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo seria quando o dia 14 calhasse a uma Sexta-Feira pois só aí é que decorrem verdadeiramente 3 dias entre a morte e a ressurreição do Cristo conforme estava profetizado. Ou seja, só teríamos um cenário verdadeiramente fiel um em cada sete anos.

Mas será que é assim? Continuemos a analisar os argumentos da primeira versão do trabalho...

*O mesmo Paulo, no mesmo capítulo em que faz a relação entre as primícias e a ressurreição do Cristo, fala-nos também da importância do sinal de Jonas, de certa forma associando-o também com as primícias.*

*“E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.” (1Co 15:4)*

Ora que relação é que pode ter o sinal de Jonas com as primícias se só uma vez em cada sete anos é que coincidentemente a tipologia verdadeiramente caracteriza a ocorrência da morte e ressurreição do Messias?

Vejamos agora a contagem pelo método Farisaico/Rabínico:

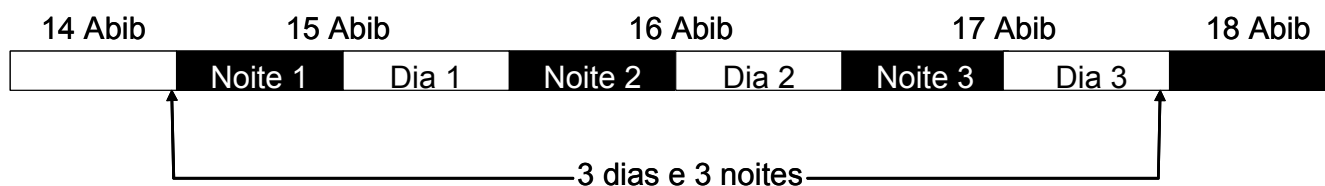
Primícias após Sábado anual (Contagem dos Fariseus e Rabanitas)									
Sáb	Dom	Seg	Ter	Qua	Qui	Sex	Sáb	Dom	Nº de dias de 14 Abib a Primícias
						14 Abib	15 Abib	16 Abib	3
					14 Abib	15 Abib	16 Abib		3
				14 Abib	15 Abib	16 Abib			3
			14 Abib	15 Abib	16 Abib				3
		14 Abib	15 Abib	16 Abib					3
	14 Abib	15 Abib	16 Abib						3
14 Abib	15 Abib	16 Abib							3

Dissemos ainda na altura que este método de contagem permite manter a tipologia da morte e ressurreição do Messias seja em que ano for.

Na realidade, aparentemente isto bate tudo certo, mas só aparentemente.

Na verdade, ao dizer relativamente ao primeiro quadro, que só quando o dia 14 calha a uma Sexta-Feira (e consequentemente as primícias a um Domingo) é que teríamos uma tipologia fiel da morte e ressurreição do Cristo estamos a cair no mesmo erro que caímos ao afirmar relativamente ao quadro anterior que os cálculos rabínicos representam fielmente todos os anos essa tipologia. Na realidade estaremos a cair no mesmo erro de grande parte da cristandade que não sabe contar... até três.

Senão vejamos, o sinal de Jonas consiste num período de 3 dias e 3 noites na sepultura. Sabemos que Y'shua morreu ao final da tarde do dia 14, foi sepultado já perto do pôr-do-sol e ressuscitou 3 dias e 3 noites depois, necessariamente também ao final da tarde. Vejamos o seguinte gráfico:



Nenhum dos esquemas apresentados atrás que simplesmente contam 3 dias, cumprem a tipologia dos 3 dias e 3 noites, até porque estão a contar como primeiro dia, todo o dia 14 do Abib, e esse não conta uma vez que o primeiro dia que ele passou no seio da terra foi o dia 15. Ele foi morto no final do dia 14. Mesmo contando dias parciais como completos e considerando o 14 nessa contagem, o máximo que conseguiríamos seriam 3 dias e 2 noites.

Logo, todo este raciocínio acompanhado destes bonitos gráficos, estava incorrecto.

De facto, se considerarmos, como o judaísmo rabínico faz, que o Dia das Primícias ocorre no dia a seguir ao Sábado anual de 15 do Abib (1º dia dos Asmos), ou seja, na data fixa de 16 do Abib, então estamos automaticamente a negar que Y'shua era o Messias, uma vez que assim, ele não teria cumprido o único sinal que ele próprio deu para provar que era – ficar 3 dias e 3 noites no seio da terra.

Na realidade a primeira tabela apresentada com a contagem dos Saduceus e Karaitas é a que expressa fielmente a realidade. Porém, o propósito desta tipologia não é expressar o sinal de Jonas (algo que a dos Fariseus também não consegue) mas sim algo que abordaremos mais adiante.

Sabemos que quando as mulheres foram ao sepulcro cedo no primeiro dia da semana (18 do Abib – ver gráfico acima), ele já lá não estava. Como ficou demonstrado acima ele teria ressuscitado no final do Sábado, dia 17 do Abib, Sábado esse em que elas descansaram conforme o mandamento. Isto colocaria a sua morte no final do dia 14 do Abib, uma Quarta-Feira. Sabemos que o dia seguinte, dia 15 do Abib, é uma solenidade a YHWH (um dia de Santa Convocação) – daí toda a pressa em sepultá-lo antes do final do dia 14 e início da solenidade de 15. Se as Primícias fossem oferecidas, de acordo com o método farisaico, no dia 16 do Abib, isso faria com que, nesse ano, elas fossem oferecidas a uma Sexta-Feira em que Y'shua se encontrava ainda no sepulcro. Em contrapartida, de acordo com o método saduceu, as Primícias teriam sido oferecidas nesse ano a 18 do Abib, um Domingo e primeiro dia após a sua ressurreição no final da tarde do dia anterior. Se de facto, as solenidades de YHWH são 'sombras' que apontam para o Messias (Col.2:16) isto significa que o Dia das Primícias teria de ter calhado nesta semana da ressurreição, bem como em todas as outras, no primeiro dia da semana, ou seja, no dia seguinte ao Sábado semanal e nunca na data fixa de 16 do Abib, após o Sábado anual.

Isto faz também com que, quer o Pentecostes, quer o dia das Primícias que o determina, nunca tenham data fixa – e de facto são as únicas solenidades de YHWH às quais não é atribuída uma data fixa.

NOTA: O argumento Saduceu / Karaita de que não faz sentido que o dia das Primícias e o Pentecostes calhem sempre nas datas fixas de 16 do Abib e 6 de Sivan, respectivamente, uma vez que são as únicas solenidades para as quais não é determinada data fixa, é um argumento válido mas apenas à luz do calendário rabínico ou de Hillel que não corresponde ao calendário Bíblico.

Na altura em que YHWH instrui o povo em Levítico e até ao Séc.I da nossa era, o calendário em análise baseava-se no avistamento da Lua Nova e como tal nunca se sabia de antemão se os dias de cada mês teriam 29 ou 30 dias (nunca teriam mais nem menos). Assim sendo, dependendo de quando fossem avistadas as Luas Novas, a data do Pentecostes poderia calhar a 5, 6 ou 7 de Sivan.

Isto pretende ser apenas um pequeno esclarecimento e não pretendemos com isto validar nem o calendário rabínico em uso actualmente nem o método farisaico-rabínico de contagem para o Pentecostes.

Veremos mais adiante o significado das Primícias.

## **A Septuaginta e o Targum Onkelos**

A Septuaginta (LXX) bem como o Targum Onkelos são usados por quem defende a posição do judaísmo rabínico uma vez que parecem indicar que as Primícias ocorreriam sempre no dia a seguir ao primeiro dia da Festa dos Asmos, ou seja, a 16 do Abib. Relembremos o texto:

“Estas são as festas para YHWH – dias santificados que proclamarás no seu tempo apropriado. No primeiro mês, no décimo quarto dia do mês, entre as duas tardes, é a Páscoa de YHWH. E no décimo quinto dia deste mês tem início a festa dos Pães Asmos para YHWH. Sete dias comerás pães asmos. Ora o PRIMEIRO DIA será um dia santificado e separado para tí. Não farás serviços sacrificiais mas oferecerás ofertas queimadas a YHWH por sete dias e, o SÉTIMO DIA será um dia santificado e separado para tí. Não farás serviço sacrificial.

“Mais falou YHWH a Moisés dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: ‘Quando entrardes na terra que vos dou e estiveres prestes a colher a sua colheita, trarás um feixe como primícias da tua colheita, ao sacerdote, e ele oferecerá o feixe perante YHWH para ser aceite por tí. NO DIA A SEGUIR AO PRIMEIRO DIA, o sacerdote fará a oferta.” (Lev.23:4-11)<sup>27</sup>

O raciocínio é simples. Como o vers.11 lê “no dia a seguir ao primeiro dia” ao invés de “no dia a seguir ao Sábado” (que é por definição o sétimo dia e nunca o primeiro), o termo “o primeiro dia” só se pode estar a referir ao primeiro dia da festa. A potencial explicação de que pode ser uma referência ao primeiro dia da semana – Domingo – que é efectivamente o dia a seguir ao Sábado é descartada alegando que mais atrás no texto, o mesmo termo “primeiro dia” é usado em referência ao primeiro dia dos Asmos e isso define o contexto.

Mas será que assim é?

Vejamos como lê a Septuaginta uns versículos mais à frente.

“15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado, desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. 16 Até ao dia seguinte à última semana, contareis cinquenta dias; e trareis uma nova oferta de carne a YHWH.” (Lv 23:15-16)

---

<sup>27</sup> Tradução livre com inserção do Tetragrama.

Como vemos não há diferença significativa relativamente ao texto masorético nos versículos 15 e 16 a não ser a leitura de “sete semanas” ao invés de “sete sábados”. Fora isso, não há dúvida que mesmo de acordo com a Septuaginta a contagem inicia-se no dia a seguir ao Sábado.

A questão novamente é: que Sábado?

Tal como no texto Masorético, também o grego da Septuaginta é muito preciso relativamente aos termos que usa para designar os vários tipos de sábados. Assim temos:

Hebraico	Grego	Significado em Lev.23
Shabbat	Sabbaton	Até ao vers.24 refere-se SEMPRE ao Sábado semanal. No texto Masorético é antecedido pelo art.definido “ha” (o) que o distingue como o Sabado semanal.
Shabbaton	Anapausis (descanso)	Ocorre nos vers.24 e 39 em referência às Trombetas e aos Tabernáculos.
Shabbat Shabbaton	Sabbaton Anapausis (vers.3)  Sabbata Sabbaton (vers.32)	Ocorre nos vers.3 e 32 em referência ao Sábado semanal e ao Dia da Expição.  É a mesma expressão hebraica mas traduzida de forma distinta nestes dois versículos da LXX

Uma vez que a Septuaginta preserva a distinção destas palavras e que o termo que aplica no versículo 15 é o termo “Sabbaton”, claramente vemos que a contagem se inicia no dia a seguir ao Sábado semanal.

“15 Depois para vós contareis desde o dia seguinte ao sábado [Sabbaton – Sábado semanal], desde o dia em que trouxerdes o molho da oferta movida; sete semanas inteiras serão. 16 Até ao dia seguinte à última semana, contareis cinquenta dias; e trareis uma nova oferta de carne a YHWH.” (Lv 23:15-16)

Assim, a Septuaginta também comprova claramente que a contagem é a partir do dia a seguir ao Sábado Semanal e não a seguir a qualquer uma das outras solenidades.

Que dizer então do versículo 11 que nos fala no dia a seguir ao “primeiro dia”?

Claramente então, esse primeiro dia tem de ser uma referência ao primeiro dia da semana – Domingo – que é efectivamente o dia a seguir ao Sábado

semanal e não pode de maneira nenhuma ser entendido como uma referência ao primeiro dia dos Asmos.

Não deixa de ser interessante referir que todo o raciocínio apresentado pelos defensores da posição rabínica/farisaica no que à Septuaginta diz respeito, é um raciocínio circular. É usada uma tradução menos clara para grego de um texto que na sua forma original não gera dúvidas, para re-interpretar o texto original.

No que toca ao Targum Onkelos, relembremos o que ele diz:

“E Elohim falou com Moisés dizendo: ‘Fala aos filhos de Israel e dize-lhes:’ ‘Quando tiverdes entrado na terra que Eu vos darei e colhido a sua colheita, trarão um feixe das primícias da vossa colheita ao sacerdote e ele o alçará perante Elohim para ser aceite por vós. APÓS O DIA DA FESTIVIDADE O SACERDOTE O ALÇARÁ.. E contarás para ti APÓS O DIA DO FESTIVAL, desde o dia em que trouxeste o feixe da oferta alçada, sete semanas completas serão” (Lev.23:9-11,15)<sup>28</sup>

É evidente que neste caso a expressão “Dia do Festival” aponta indubitavelmente para o primeiro dia dos Asmos, ou seja para a posição farisaico-rabínica.

Onkelos era um prosélito do judaísmo – fariseu – que supostamente é contemporâneo de Gamaliel, professor de Paulo. Duvida-se, no entanto, que Onkelos tenha sido de facto o autor deste Targum. A data deste trabalho situa-se provavelmente no Sec.II ou finais do primeiro. Se assim for estamos perante uma obra feita numa altura em que a posição farisaica já era a dominante e vigente entre o povo. Mesmo que, de facto, esta obra seja da autoria de Onkelos isso não prova rigorosamente nada também uma vez que Onkelos estaria apenas a reproduzir a opinião farisaica, grupo ao qual pertencia.

### **“Deuteroproton”**

Na primeira versão deste trabalho apresentámos como uma das principais pistas das Escrituras Apostólicas a favor da contagem Farisaica, o termo “deuteroproton” que surge no evangelho de Lucas:

“1 E aconteceu que, no sábado segundo-primeiro<sup>29</sup>, passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas e, esfregando-as com as mãos, as comiam. 2 E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados?” (Lc 6:1-2)

---

<sup>28</sup> Tradução livre.

<sup>29</sup> Nem os manuscritos gregos mais antigos nem a Peshita aramaica têm esta leitura.

O que é isto do “Sábado segundo-primeiro”? A King James Version lê da seguinte forma: “*on the second sabbath after the first*”.

O que é isto do segundo Sábado a seguir ao primeiro?

Mateus dá-nos o mesmo relato mas diz simplesmente:

“Naquele tempo passou Y’shua pelas searas, em um sábado; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher espigas, e a comer... 9 E, partindo dali, chegou à sinagoga deles. 10 E, estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada; e eles, para o acusarem, o interrogaram, dizendo: É lícito curar nos sábados?” (Mt 12:1,9-10)

O relato de Mateus não indica nada de especial acerca deste dia de Sábado. Ao contrário, parece indicar que se trata de um Sábado normalíssimo em que o Cristo se deslocou à Sinagoga. No entanto, Lucas diz-nos que se tratava do “segundo-primeiro” Sábado. A expressão grega empregue em Lucas é “*sabbaton deuteroproton*” e significa simplesmente “segundo-primeiro Sábado”.

Inicialmente apresentámos citações quer de Strong quer dos comentários de Matthew Henry e de Adam Clarke que defendem tratar-se este termo de uma referencia ao primeiro Sábado semanal após o primeiro Sábado anual da semana dos Asmos, ou seja, o segundo sábado dessa semana e primeiro da contagem para o Pentecostes. Estes comentários espelham claramente a postura Farisaica. Isto não é de estranhar pois à data a que foram escritos ainda o movimento Karaita era virtualmente desconhecido e quaisquer estudos que estes autores tenham feito seriam quase necessariamente na óptica rabínica.

Na verdade, e como já salientámos em nota, os manuscritos mais antigos bem como a Peshita Aramaica não contêm esta leitura (o termo “*deuteroproton*”). Isto só por si é suficiente para nos fazer desconfiar de uma adição posterior ao texto. De qualquer das formas, analisemos este texto como se de um texto genuíno se tratasse.

Em primeiro lugar há que explicar que este episódio se passa no período da Páscoa / Pães Asmos.

Como sabemos isto? Muito simplesmente porque quer o relato de Lucas quer o de Mateus nos dizem claramente que isto se passou num período de colheitas de cereais. Que período?

As duas grandes colheitas de cereais ocorrem no início da Primavera (por altura da Páscoa/PãesAsmos) e no final da Primavera (por altura do Pentecostes). A colheita do Outono (por altura dos Tabernáculos) é de frutos e não de cereais e além disso essa festa ocorre após a colheita estar concluída pelo que podemos à partida descartá-la.

A festa do Pentecostes tem a duração de um dia pelo que só temos um Sábado. O período da Páscoa/Pães Asmos, no entanto, tem não um nem dois

mas sim três Sábados (dois anuais e um semanal), excepto quando um dos anuais coincide com o semanal, caso em que teremos dois.

Em nenhuma outra altura que não a semana dos Asmos, podemos ter dois ou três Sábados que coincidem também com um período de colheita. Esta passagem deve estar, portanto, a referir-se ao segundo Sábado da semana dos Asmos, ou seja, ao Sábado semanal dentro da semana dos Asmos (lembremo-nos que pelo relato de Mateus nada indica que este Sábado não fosse um Sábado normal).

Em que é que isto é importante?

De acordo com os Saduceus e Karaitas a oferta das primícias ocorria no dia seguinte ao Sábado semanal da semana dos Asmos.

“10 Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra, que vos hei de dar, e fizerdes a sua colheita, então trareis um molho das primícias da vossa sega ao sacerdote; 11 E ele moverá o molho perante YHWH, para que sejais aceitos; no dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá.” (Lv 23:10-11)

Relembremos também que antes disto acontecer ninguém podia comer dos frutos da terra.

“14 E não comereis pão, nem trigo tostado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia em que trouxerdes a oferta do vosso Deus; estatuto perpétuo é por vossas gerações, em todas as vossas habitações.” (Lv 23:14)

Ora aqui temos os discípulos a comer impunemente das espigas no Sábado anterior ao Domingo em que, segundo os Saduceus e Karaitas, as primícias seriam oferecidas a YHWH no Templo e a transgredir flagrantemente a Torá.

A forma usualmente empregue para reconciliar isto é se de facto as primícias já tivessem sido oferecidas anteriormente. Ou seja, o feixe das primícias teria sido oferecido no dia a seguir ao Sábado anual – dia 16 do Abib – e não no primeiro dia da semana conforme reclamam os Saduceus e Karaitas.

Esta passagem é assim usada, como fizemos na primeira versão do trabalho, para defender a contagem farisaica para o Pentecostes.

No entanto, o autor tomou entretanto conhecimento de que existem várias outras formas de reconciliar esta passagem e que são consentâneas com a contagem dos Saduceus e Karaitas. Por esta razão, esteve o autor prestes a remover toda esta secção desta segunda versão do trabalho. Porém, duas das formas de reconciliar esta passagem (mais uma vez, partindo do princípio que o texto é genuíno, o que é questionável) não só suportam a contagem dos Saduceus como se revestem de particular interesse para o nosso entendimento deste episódio face à cultura da época. Por essa razão achou o autor por bem incluí-las neste trabalho apesar da sua extensão. Temos por isso dois sub-capítulos. Um que trata do cenário I e outro que trata do cenário II.

## Cenário I

O que passa muitas vezes despercebido nesta passagem é que:

1. Os discípulos receberam uma dupla acusação a que Y'shua responde;
2. As Primícias não tinham ainda sido oferecidas nesta altura.

Em primeiro lugar é necessário que entendamos exactamente de que é que os discípulos estavam a ser acusados.

Vejam a narrativa completa de todos os três evangelhos sinópticos:

<b>Mateus 12:1-8</b>	<b>Lucas 6:1-5</b>	<b>Marcos 2:23-28</b>
1 Naquele tempo passou Jesus pelas searas num dia de sábado; e os seus discípulos, sentindo fome, começaram a colher espigas, e a comer.	1 E sucedeu que, num dia de sábado, passava Jesus pelas searas; e seus discípulos iam colhendo espigas e, debulhando-as com as mãos, as comiam.	23 E sucedeu passar ele num dia de sábado pelas searas; e os seus discípulos, caminhando, começaram a colher espigas.
2 Os fariseus, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos estão fazendo o que não é lícito fazer no sábado.	2 Alguns dos fariseus, porém, perguntaram; Por que estais fazendo o que não é lícito fazer nos sábados?	24 E os fariseus lhe perguntaram: Olha, por que estão fazendo no sábado o que não é lícito?
3 Ele, porém, lhes disse: Acaso não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e seus companheiros?	3 E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nem ao menos tendes lido o que fez Davi quando teve fome, ele e seus companheiros?	25 Respondeu-lhes ele: Acaso nunca lestes o que fez Davi quando se viu em necessidade e teve fome, ele e seus companheiros?
4 Como entrou na casa de Deus, e como eles comeram os pães da proposição, que não lhe era lícito comer, nem a seus companheiros, mas somente aos sacerdotes?	4 Como entrou na casa de Deus, tomou os pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão só aos sacerdotes, e deles comeu e deu também aos companheiros?	26 Como entrou na casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu dos pães da proposição, dos quais não era lícito comer senão aos sacerdotes, e deu também aos companheiros?
5 Ou não lestes na lei que, aos		27 E prosseguiu: O sábado foi feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.

<p>sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa?</p> <p>6 Digo-vos, porém, que aqui está o que é maior do que o templo.</p> <p>7 Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero, e não sacrifícios, não condenaríeis os inocentes.</p> <p>8 Porque o Filho do homem até do sábado é o Senhor.</p>	<p>5 Também lhes disse: O Filho do homem é Senhor do sábado.</p>	<p>28 Pelo que o Filho do homem até do sábado é Senhor.</p>
--	--	---

Resumidamente, são os seguintes, os elementos básicos deste episódio:

1. Este episódio ocorre num dia específico: “o segundo-primeiro” Sábado;
2. O Cristo e os discípulos atravessaram a seara, não caminharam ao longo dela;
3. Os discípulos – não Y’shua – foram acusados de transgressão;
4. Alguns Fariseus observavam-nos atentamente;
5. Foi feita uma dupla acusação: de cometer uma transgressão e de o fazer num dia de Sábado (pode ser entendido assim, sobretudo de acordo com a leitura de Marcos e com a dupla resposta de Y’shua);
6. A dupla resposta de Y’shua centra-se nas funções do Templo;
7. Alguém ou algo “maior do que o Templo” estava ali presente;
8. Os Sábados destinam-se a servir o homem e não o contrário.

Como já afirmámos atrás, quem determinava e controlava o calendário até ao ano 68 d.C. eram os Saduceus. Uma vez que as Solenidades de YHWH implicam, na sua essência, celebrações particulares ao nível do Templo e que o Pentecostes, não sendo exceção, era ainda uma das três solenidades em que os varões de Israel tinham por mandamento deslocarem-se ao Templo, cabia aos Sacerdotes (Saduceus) controlarem o calendário para determinar os dias dessas solenidades. Isto implica que no que toca ao Templo e

consequentemente às Solenidades, toda a nação se regia pelo calendário dos Saduceus. Não implica, no entanto, que outros grupos não se regessem por outras contagens, como era o caso dos Fariseus e dos Essênios que contavam o Pentecostes de forma diferente e que até o poderiam celebrar noutro dia (mas tinham necessariamente de oferecer os sacrifícios no dia determinado pelos Saduceus).

Assim, tínhamos:

- Os Fariseus que consideravam que o Sábado que precedia a oferta das Primícias era o de 15 do Abib, ou seja, a primeira solenidade da semana dos Asmos. As Primícias seriam sempre a 16 do Abib e o Pentecostes 50 dias depois na data fixa de 6 de Sivan. Os Fariseus consideravam, portanto, o PRIMEIRO – “Primeiro Sábado”;
- Os Saduceus que consideravam que as Primícias eram oferecidas no dia seguinte ao primeiro Sábado (semanal), ou seja, sempre a um Domingo mas nunca com data fixa. O deles era sempre o SEGUNDO – “Primeiro Sábado” – pois calhava sempre depois do dos Fariseus (salvo nas raras ocasiões em que coincidia – mas nunca precedia);
- Os Essênios e os judeus Etíopes consideravam que as Primícias se ofereciam no dia a seguir à última solenidade da semana dos Asmos (21 do Abib) o que resultaria num Pentecostes sempre a 12 de Sivan. O deles seria o TERCEIRO – “Primeiro Sábado”.

Lucas 6:1 refere-se ao primeiro Sábado pela contagem dos Saduceus, ou seja, ao “segundo-primeiro Sábado”, o que ocorre sempre após o Sábado dos Fariseus (salvo nas raras ocasiões em que é simultâneo – mas nunca precedente). O dos Fariseus era o primeiro dos primeiros Sábados, o dos Saduceus o segundo e o dos Essênios, o terceiro dos primeiros.

De acordo com os Saduceus (que é a contagem que vemos espelhada nesta passagem), o primeiro Sábado era sempre o semanal o que implica que o Pentecostes calha sempre no primeiro dia da semana.

Este entendimento também nos permite compreender melhor a passagem de Actos 2:1

“Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar..” (Actos 2:1)

O termo “cumprir-se” na passagem acima é a tradução que a JFA faz do termo grego “*sumpleroo*” que, de acordo com Strong (#G4845) significa:

to **implenish completely**, i.e. (of space) to swamp (a boat), or (of time) to accomplish (passive, be complete):--**(fully) come**, fill up.

A KJV traduz esta passagem da seguinte forma:

“And when the day of Pentecost was **fully come**...” (Actos 2:1)

Isto parece sugerir que o Pentecostes a que se refere a passagem foi o que se verificou quando o tempo se cumpriu completamente, por oposição a um anterior (dos Fariseus) em que o tempo para o Pentecostes ainda não estaria completamente cumprido.

Este Pentecostes de Actos seria, mais uma vez, contado a partir do “segundo-primeiro Sábado” de Lucas 6:1, ou seja, segundo a contagem Saduceia.

Assim, vemos que o episódio de Lucas 6:1-2 se desenrola no Sábado semanal da semana dos Asmos, o segundo-primeiro Sábado, ou seja, o Sábado da contagem dos Saduceus. A oferta das Primícias realizar-se-ia no dia seguinte.

Assim sendo, se as Primícias ainda não tinham sido oferecidas no Templo, não há dúvida de que a acusação dos Fariseus é legítima pois os discípulos estariam a comer grão daquele ano antes da oferta das Primícias, algo que não era lícito fazer. Mais, estariam a fazê-lo a um Sábado. Se repararmos bem na dupla resposta de Y’shua vemos que ele não nega a acusação de que os discípulos são alvo. Ele não diz àqueles Fariseus que eles estão errados. Mas quem eram aqueles Fariseus?

Y’shua e os discípulos não estavam na cidade. Estavam a passar pelas searas, fora de portas. O que estariam aqueles Fariseus ali a fazer? Das duas uma, ou acompanhavam Y’shua e seus discípulos (o que é pouco provável pois ele ainda se encontrava no início do seu ministério) ou estavam a observar a seara. Pessoalmente inclino-me mais para esta última possibilidade. Mas porquê? Teriam por hábito observar searas todos os dias ou todos os Sábados? É perfeitamente possível que esta seara fosse a mesma seara de onde, no final desse mesmo dia de Sábado, os Sacerdotes iriam cortar o feixe das Primícias para oferecer a YHWH no Templo no dia seguinte. Estes Fariseus e provavelmente muito mais gente estariam ali a observar o campo, como testemunhas do que se iria passar. A resposta de Y’shua centra-se em questões relacionadas com o Templo. Mas porquê? O que tem colher algumas espigas para comer, mesmo num dia de Sábado, a ver com o Templo, para justificar tais respostas da parte de Y’shua?

O que os discípulos fizeram (não Y’shua) era algo que lhes era lícito fazer de acordo com Deut.23:25, porém, provavelmente não num dia de Sábado, pelo menos de acordo com o entendimento dos Fariseus. Porém, na resposta de Y’shua ele limita-se a defender os discípulos. Ao não contestar a acusação de que foram alvo, de certa forma legitima-a. A acusação não se limitava ao acto de realizarem um “tipo” de trabalho num Sábado mas por fazer algo que não era lícito (comer grão antes da oferta das primícias no Templo) e fazê-lo a um Sábado. Uma dupla acusação que mereceu uma dupla resposta. Porém essa dupla resposta nunca cita a Lei de Deut.23:25 mas cinge-se sempre e apenas a aspectos cerimoniais (leia-se, relacionados com o Templo). Porquê? Simplesmente porque a acusação era também ela centrada em aspectos cerimoniais. Que cerimónia é realizada no Templo após um “primeiro Sábado”? Obviamente, a oferta das Primícias.

A resposta de Y’shua vem completamente a propósito da acusação de que os discípulos foram alvo. Afinal, eles tinham entrado num local que estava consagrado ao uso do Templo (tal como David e os seus homens); e comeram

de algo que não lhes era lícito comer pois estava reservado ao uso do Templo (tal como David e os seus homens).

Claro que a acusação também tem a ver com o realizar desse acto a um Sábado e vemos que Y'shua também responde a essa questão quando refere (mais uma vez citando o Templo) que os sacerdotes regularmente transgridem o Sábado e ficam sem culpa. Isto era uma clara alusão ao que se iria passar nesse mesmo Sábado, quando os sacerdotes colhessem o feixe que iria ser acenado no dia seguinte como Primícias da colheita. De acordo com a Lei eles também não o poderiam fazer – estariam ao fim e ao cabo a ceifar num dia de Sábado. No final ele afirma que o Filho do Homem é Senhor do Sábado.

Algo que é interessante também é a afirmação de Y'shua de que “algo/alguém maior do que o Templo estava ali presente”. Evidentemente que nós entendemos isto como uma referência a ele próprio – ele próprio sendo as Primícias. Porém, se ele o tem afirmado abertamente os Fariseus imediatamente o acusariam de blasfémia por se considerar maior que o Templo, algo que não acontece. Na realidade, o texto como se encontra escrito tanto pode ser traduzido como “algo” como por “alguém”. No entender dos Fariseus ele estaria a referir-se ao feixe das Primícias que se encontrava ali naquele campo. Ele estava a dizer que o que é acenado é maior do que o local onde se acena, o que é perfeitamente consistente com a sua afirmação seguinte de que o Sábado é feito para o homem e não o homem para o Sábado. Dito desta forma isto não levantaria objecções por parte dos Fariseus apesar de ambas as afirmações serem provocatórias.

Esta leitura de Lucas 6:1-2 reforça, na realidade, a contagem dos Saduceus, pois demonstra que o feixe das Primícias ainda se encontrava ali no “*segundo-primeiro Sábado*” (Sábado semanal – o da contagem dos Saduceus). Y'shua – com um duplo sentido – afirmou que ali se encontrava algo que era maior que o Templo e que os Fariseus terão entendido como uma referência ao feixe das Primícias.

## **Cenário II**

O segundo cenário é substancialmente mais simples de explicar.

Novamente, partindo do princípio que este texto é legítimo, este cenário passa por considerar o termo “Sabbaton deuteropton” não como “Sábado segundo-primeiro” mas como o “segundo principal Sábado”.

Isto seria uma alusão à segunda Santa Convocação da semana dos Asmos, ou dia 21 do Abib. Atendendo a que as narrativas de Mateus e Marcos nos dizem claramente que este dia era um Sábado semanal, é possível que nesse ano o dia 21 do Abib tenha calhado num Sábado semanal.

Se assim for, isso significa que a oferta das Primícias se haveria realizado uma semana antes, no Domingo, dia 15 do Abib – o tal caso particular que já analisámos atrás.

Isso explicaria porque é que a acusação dos fariseus aparentemente não incide sobre o facto de eles comerem grão desse ano mas apenas sobre transgredirem o Sábado fazendo algo que não lhes seria lícito fazer a um Sábado. De acordo com este cenário a acusação sobre o acto de comerem grão desse ano não teria razão de ser uma vez que as Primícias já teriam sido oferecidas uma semana antes.

O facto de eles não fazerem tal acusação corrobora a nossa conclusão de que nesta situação – quando o dia 14 do Abib calha a um Sábado – as Primícias se realizam logo no dia 15 seguinte e não no outro Domingo, dia 22, o que as colocaria fora da semana dos Asmos. Se neste caso, as Primícias ainda não se houvessem realizado, ou seja, se se fossem realizar no dia seguinte – não esquecer que era Sábado – então os fariseus certamente acusariam os discípulos de transgredir não apenas o Sábado mas também de comerem algo que ainda não lhes era lícito comerem.

Qualquer destes dois cenários são passíveis de corroborar a contagem saduceia, conforme podemos ver.

### ***A Práctica da Igreja Primitiva***

É curioso que enquanto logo no Séc.I começou a surgir entre os vários grupos que se designavam cristãos, uma celeuma muito conhecida acerca de qual o dia em que se celebrava a Páscoa<sup>30</sup>, celeuma essa que veio a estar na origem do cisma entre as igrejas do oriente e as do ocidente (estas últimas que se vieram a unir sob a égide de Roma), tal divergência nunca se verificou no método da contagem para o Pentecostes.

Dizem-nos os autores cristãos mais antigos – muitos dos chamados “Pais da Igreja” (Católica, entenda-se) – que o método usado pelo cristianismo em geral era o método Aristocrático (ou Saduceu).

O texto seguinte, da autoria de Eusébio, bispo de Cesareia (c.265 – 339) é bem claro acerca do método usado para a contagem do Pentecostes:

“...após a Páscoa, celebramos o Pentecostes durante sete semanas completas... Mas o número do Pentecostes não é constituído por estas sete semanas: indo um dia além, sela-as no primeiro dia (da semana)...” (Eusébio, Pás., 5)

Eusébio descreve, e bem, o Pentecostes, como ocorrendo no primeiro dia (entenda-se: da semana), e como sendo o selo das sete semanas anteriores.

---

<sup>30</sup> Dando origem a grupos com metodologias distintas designados por Quartodécimos, Romanos, quasi-Quartodécimos e Gnósticos

Egeria (também conhecida como Aetheria), foi uma mulher da Ibéria ou da Gália que fez uma peregrinação a Israel c.381-384. Nas suas cartas para casa, ela descreve o seguinte ao referir-se aos cristãos de Jerusalém desse período:

“O 50º dia é um Domingo” (Egeria 43:1)

A obra siríaca “Ensinamentos dos Apóstolos” liga igualmente o primeiro dia da semana com o final do Pentecostes.

É evidente que se o Pentecostes calhava sempre a um Domingo, então o dia das Primícias, 50 dias antes, calhava igualmente a um Domingo. Tanto Clemente de Alexandria como Epifânio identificavam o dia da ressurreição de Y’shua como o dia da oferta das Primícias<sup>31</sup>.

Justino o Mártir (100-165) diz-nos que Y’shua ressuscitou dos mortos no dia seguinte ao dia de Saturno (ou seja, ao Sábado semanal<sup>32</sup>), no dia que também é designado por dia de Hélio (ou dia do Sol<sup>33</sup>).

Quanto a este ponto da contagem para o Pentecostes havia uma quase unanimidade nas comunidades cristãs dos primeiros tempos, fossem elas do ocidente ou do oriente. O método empregue era invariavelmente o método saduceu e não o fariseu.

Atanásio, bispo de Alexandria (295-373) diz-nos:

“A partir deste dia [o Domingo após a ressurreição de Sábado à noite<sup>34</sup>] contamos uma a uma sete semanas mais e celebramos o sagrado dia do Pentecostes... Uma vez que esse período é para nós um símbolo do mundo vindouro, celebramos o grande Domingo (de Pentecostes)...”

Mais uma vez vemos que o Pentecostes calhava a um Domingo, assim como o dia das Primícias, associado então com a ressurreição do Cristo.

Estes factos são também enunciados por alguns académicos actuais, como por exemplo, J.Van Goudoever, que nos diz:

“...os primeiros cristãos seguiam o antigo calendário sacerdotal no qual os 50 dias são contados a partir do Domingo após a Páscoa. Assim, os cristãos de

---

<sup>31</sup> O que não é inteiramente correcto como já vimos atrás pois ele teria ressuscitado no final do dia anterior à oferta das primícias. É no entanto compreensível e serve para ilustrar a percepção que se tinha deste dia desde tempos muito remotos.

<sup>32</sup> Em inglês Sábado = Saturday; Saturday = Saturn day, ou dia de Saturno.

<sup>33</sup> Em inglês Domingo = Sunday; Sunday = Sun day, ou dia do Sol.

<sup>34</sup> Na realidade e como já demonstrámos a ressurreição ter-se-á dado no final de Sábado. Domingo terá sido o primeiro dia de vida após a ressurreição e também o dia das Primícias a partir do qual se contava para o Pentecostes.

entre os ouvintes na sinagoga podiam imediatamente inferir que Jesus se ergueu de entre os mortos no primeiro dia dos cinquenta dias; tal como Jesus foi crucificado num dia especial, Páscoa, porque ele era a verdadeira Páscoa de acordo com João, da mesma forma ele se ergueu de entre os mortos num dia litúrgico especial, o primeiro dia da colheita.” (J. Van Goudoever, “Biblical Calendars”)

Convém salientar o que este mesmo autor refere nesta mesma obra. O facto de neste trabalho termos vindo a identificar e defender o calendário e métodos de contagem sacerdotais como método ou calendário saduceus, isso não significa que os saduceus fossem os seus autores. O seu autor é YHWH. Os saduceus, na qualidade de sacerdotes (ainda que corruptos) herdaram o calendário em uso anteriormente pelos rectos sacerdotes, filhos de Zadoque que simplesmente aplicavam as instruções de YHWH. Este mesmo autor refere o seguinte:

“Os primeiros cristãos talvez não favorecessem os saduceus, mas antes a velha tradição de Zadoque, da qual os saduceus eram uns dos herdeiros.”

## **O Significado das Primícias**

Para entendermos verdadeiramente o significado deste dia começemos por reler o que Levítico 23 nos diz acerca do mesmo:

“Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra que eu vos dou, e segardes a sua sega, então trareis ao sacerdote um molho das primícias da vossa sega.” (Lv 23:10)

Este primeiro molho marcava o início da primeira de todas as colheitas em Israel – a da cevada. A colheita não podia ter início sem que antes o Sumo-Sacerdote tivesse colhido e acenado este primeiro molho de cevada perante YHWH como oferta alçada<sup>35</sup>.

Atendendo a que a tipologia da colheita representa os eleitos de YHWH, julgo não restarem dúvidas a ninguém acerca de quem é representado pelas primícias – o próprio Y’shua. A colheita, que temos de entender também como

---

<sup>35</sup> Atrás apresentámos o seguinte raciocínio rabínico:

*Ainda de acordo com os judeus rabínicos, vemos também que ‘shabua’ neste caso só coincidentemente se começaria a contar num Domingo uma vez que Deut. 16:9 nos dá o ponto de partida da contagem não como um qualquer dia da semana mas como o dia em que a foice começa na seara.*

Este raciocínio peca na medida em que a foice só começava na seara a partir do momento em que se realizavam as Primícias, o que acontecia sempre a um Domingo.

o início da restauração do reino a Israel que começa com o Messias, tem início precisamente com Ele, ou melhor, com a sua ressurreição.

“Mas de facto Cristo ressuscitou dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem.” (1Co 15:20)

“Porque os que dantes conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogénito entre muitos irmãos” (Rom 8:29)

A partir do momento que entendemos o Cristo como as primícias e o molho alçado pelo Sumo-Sacerdote como representando-o, tudo se torna mais claro e mais facilmente fazemos sentido de um pequeno episódio que por vezes passa despercebido. Vejamos:

<sup>11</sup> Maria, porém, estava em pé, diante do sepulcro, a chorar. Enquanto chorava, abaixou-se a olhar para dentro do sepulcro, <sup>12</sup> e viu dois anjos vestidos de branco sentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. <sup>13</sup> E perguntaram-lhe eles: Mulher, por que choras? Respondeu-lhes: Porque tiraram o meu Senhor, e não sei onde o puseram. <sup>14</sup> Ao dizer isso, voltou-se para trás, e viu a Jesus ali em pé, mas não sabia que era Jesus. <sup>15</sup> Perguntou-lhe Jesus: Mulher, por que choras? A quem procuras? Ela, julgando que fosse o jardineiro, respondeu-lhe: Senhor, se tu o levaste, dize-me onde o puseste, e eu o levarei. <sup>16</sup> Disse-lhe Jesus: Maria! Ela, virando-se, disse-lhe em hebraico: Raboní! - que quer dizer, Mestre. <sup>17</sup> Disse-lhe Jesus: Deixa de me tocar, porque ainda não subí ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus. <sup>18</sup> E foi Maria Madalena anunciar aos discípulos: Vi o Senhor! - e que ele lhe dissera estas coisas. (João 20:11-18)

Conforme já vimos atrás, Y'shua, em cumprimento do sinal de Jonas, teria ressuscitado no final do dia de Sábado, exactamente 3 dias e 3 noites após ter sido sepultado. Este episódio passa-se nas primeiras horas da manhã do dia seguinte, ou seja, de Domingo.

Note-se que Y'shua impede Maria Madalena ou de o deter ou mesmo de lhe tocar<sup>36</sup> alegando que ia subir para seu Pai. Note-se ainda que ele lhe diz para ela transmitir aos seus discípulos que ele subia para seu Pai. Não que ia subir num tempo indeterminado futuro, mas que subia naquele mesmo momento.

---

<sup>36</sup> Na JFA – “deixa de me tocar” – aparece no sentido de “não me detenhas”. Noutras traduções aparece com o sentido de “não me toques”.

O que o texto nos leva a concluir é que Maria Madalena se deparou com Y'shua após a sua ressurreição (na manhã seguinte) mas que não o pôde deter ou mesmo tocar-lhe porque ele estaria prestes a subir para seu Pai. Mais, que ele iria subir enquanto ela regressasse e contasse aos discípulos tudo o que se tinha passado. Esta ascensão não parece ser uma alusão à ascensão final que se realizou 40 dias depois.

Note-se ainda este outro aspecto:

<sup>19</sup>Chegada, pois, a tarde, naquele dia, o primeiro da semana, e estando os discípulos reunidos com as portas cerradas por medo dos judeus, chegou Jesus, pôs-se no meio e disse-lhes: Paz seja convosco. <sup>20</sup>Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegraram-se, pois, os discípulos ao verem o Senhor. (João 20:19-20)

Note-se que é mais tarde nesse mesmo dia (o primeiro da semana ou Domingo) que ele aparece aos seus discípulos. A reacção deles? Compreensivelmente, alegraram-se conforme diz o texto. Um termo que muito provavelmente não traduz a efusão de alegria que deve ter inundado a sala. O texto não diz expressamente, mas será concebível que não lhe tenham tocado? Provavelmente agarraram-no de todos os lados, abraçaram-no e beijaram-no efusivamente. Outra coisa não seria de esperar.

No entanto, em lado algum no texto eles são advertidos para não o tocarem nem para não o deterem. A considerar a subida para o pai como uma referência à sua ascensão final, ela aqui também não se tinha ainda realizado e nem por isso é transmitido aos discípulos o mesmo sentido de urgência que foi transmitido a Maria Madalena. Porquê?

Note-se ainda o que acontece oito dias depois:

<sup>24</sup>Ora, Tomé, um dos doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. <sup>25</sup>Diziam-lhe, pois, ou outros discípulos: Vimos o Senhor. Ele, porém, lhes respondeu: Se eu não vir o sinal dos cravos nas mãos, e não meter a mão no seu lado, de maneira nenhuma creerei. <sup>26</sup>Oito dias depois estavam os discípulos outra vez ali reunidos, e Tomé com eles. Chegou Jesus, estando as portas fechadas, pôs-se no meio deles e disse: Paz seja convosco. <sup>27</sup>Depois disse a Tomé: Chega aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não mais sejas incrédulo, mas crente. <sup>28</sup>Respondeu-lhe Tomé: Senhor meu, e Deus meu!

Claramente, oito dias depois, Tomé tocou-lhe! E isto teve lugar oito dias depois da sua ressurreição conforme nos diz o texto, ou seja, muito antes ainda da sua ascensão final.

Então porque motivo é que ele impediu Maria Madalena na manhã seguinte à sua ressurreição de lhe tocar ou de o deter, mas não diz nada em relação aos seus discípulos mais tarde nesse mesmo dia nem oito dias depois aquando do

episódio com Tomé? E se Maria Madalena o vê ao início da manhã mas ele só aparece aos seus discípulos à tarde desse mesmo dia, o que é que ele fez durante a manhã? A resposta é dada pelo próprio Y'shua:

“porque ainda não subi ao Pai; mas vai a meus irmãos e dize-lhes que eu subo para meu Pai”

A única conclusão que podemos tirar deste episódio é que ele, na qualidade de primeiro molho das primícias e à semelhança deste, teve de ser acenado perante YHWH, no Seu trono celestial.

E mais uma vez, isto ocorre quando? Precisamente na manhã do primeiro dia da semana (após o Sábado semanal) no preciso momento em que o Sumo-Sacerdote estava a oferecer o molho das primícias como oferta alçada a YHWH no Seu Templo. O molho das Primícias era alçado no Templo entre as 9 da manhã e o meio-dia de Domingo.

Este é o significado das Primícias. Elas não traduzem o número de dias que Y'shua passou na sepultura. O seu propósito não é traduzir o sinal de Jonas mas sim apontar para o que aconteceu no primeiro dia da semana após o Sábado da ressurreição, ou seja, apontar para a oferta de Y'shua perante o Pai na qualidade de primícias daqueles que constituirão a Sua família.

A compreensão do significado das Primícias mais uma vez confirma a contagem saduceia e Karaita pois de acordo com esta as Primícias oferecem-se sempre no dia a seguir ao Sábado semanal. De acordo com o significado da tipologia que aqui apresentámos, as Primícias (Y'shua) oferecem-se sempre ao Pai após o Sábado semanal (o dia da ressurreição). Isto funciona em qualquer ano.

Porém, se afirmarmos, como fazem os defensores da contagem farisaico-rabínica, que as primícias se oferecem sempre a 16 do Abib, a tipologia falha. Basta supor, por exemplo, um ano em que o dia 15 do Abib calhe numa Quinta-Feira. As Primícias não só não cumpririam o sinal de Jonas (e já vimos não ser esse o seu propósito) como também não coincidem com o dia em que Y'shua subiu ao pai no primeiro dia da semana após a sua ressurreição no final do dia de Sábado. Não se enquadra nem num entendimento nem no outro.

## **Um Esclarecimento**

Ao longo de todo este trabalho temos vindo a apresentar o dia das Primícias como algo da exclusiva responsabilidade e participação dos sacerdotes no Templo. No entanto, e como já afirmámos em nota de rodapé, tal não é o espírito com que o mandamento nos é dado. Se é verdade que ao tempo do Cristo era assim que se realizava a oferta das Primícias, isso deve-se a um desvirtuar do mandamento quer pela parte dos Fariseus quer dos próprios Saduceus.

Comecemos por analisar o mandamento em si:

<sup>10</sup>Fala aos filhos de Israel, e dize-lhes: Quando houverdes entrado na terra que eu vos dou, e segardes a sua sega, então trareis ao sacerdote um molho das primícias da vossa sega; <sup>11</sup>e ele moverá o molho perante o Senhor, para que sejais aceitos. No dia seguinte ao sábado o sacerdote o moverá. <sup>12</sup>E no dia em que moverdes o molho, oferecereis um cordeiro sem defeito, de um ano, em holocausto ao Senhor. <sup>13</sup>Sua oferta de cereais será dois décimos de efa de flor de farinha, amassada com azeite, para oferta queimada em cheiro suave ao Senhor; e a sua oferta de libação será de vinho, um quarto de him. <sup>14</sup>E não comereis pão, nem trigo torrado, nem espigas verdes, até aquele mesmo dia, em que trouxerdes a oferta do vosso Deus; é estatuto perpétuo pelas vossas gerações, em todas as vossas habitações. (Lv 23:10-14)

É bastante claro pela redacção que o mandamento é aplicável ao indivíduo e não a uma oferta colectiva. Por outras palavras, cada agricultor traria as primícias da sua sega para serem acenadas no Templo perante YHWH. Isto é corroborado pelas seguintes passagens:

<sup>19</sup>As primícias dos primeiros frutos da tua terra trarás à casa de YHWH teu Deus. (Êxodo 23:19)

<sup>44</sup>No mesmo dia foram nomeados homens sobre as câmaras do tesouro para as ofertas alçadas, as primícias e os dízimos, para nelas recolherem, dos campos, das cidades, os quinhões designados pela lei para os sacerdotes e para os levitas; pois Judá se alegrava por estarem os sacerdotes e os levitas no seu posto. (Neemias 12:44)

Estas passagens (entre outras) confirmam que cada agricultor teria de se apresentar perante YHWH no Templo com as primícias da sua sega antes de poder usufruir dela. As primícias seriam dedicadas a YHWH (para usufruto dos levitas que não possuíam terras).

Atendendo a que o dia das Primícias coincide com o Período dos Asmos, precisamente uma das solenidades de peregrinação de Israel, e que muita gente vinha de localidades a vários dias de distância de Jerusalém, isto significa que tinham de ceifar as suas primícias antes de se porem a caminho e levá-las com eles para oferecer no Templo. O resto da ceifa teria de aguardar até as Primícias estarem entregues.

Apesar deste mandamento, por alturas do Segundo Templo, a prática generalizada era a de fazer uma única oferta colectiva e oficial por toda a nação. Não significa que os agricultores não continuassem a trazer as suas primícias, porém a que era simbólica e representativamente acenada perante YHWH era apenas uma que era ceifada pelos próprios sacerdotes.

De acordo com a Mishna, os saduceus começavam a ceifa dos molhos que iriam ser apresentados no Templo nas horas finais do Sábado semanal. Uma

prática algo estranha para um Sábado mas que não só não é condenada por Y'shua como é corroborada (Mat.12:5) e que espelha de forma exemplar o que sucede com o Messias, ele próprio o arquétipo desta tipologia.

Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa? (Mateus 12:5)

A ceifa nas Escrituras é representativa da ceifa de almas para o Reino dos Céus ou Vida Eterna.

<sup>35</sup>Não dizeis vós: Ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Ora, eu vos digo: levantai os vossos olhos, e vede os campos, que já estão brancos para a ceifa. <sup>36</sup>Quem ceifa já está recebendo recompensa e ajuntando fruto para a vida eterna; para que o que semeia e o que ceifa juntamente se regozijem. (João 4:35-36)

<sup>36</sup>Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque andavam desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor. <sup>37</sup>Então disse a seus discípulos: Na verdade, a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. <sup>38</sup>Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

(Mateus 9:36-38)

A ceifa das primícias realizada pelos sacerdotes nas horas finais de Sábado representa precisamente a ceifa realizada por YHWH ao “ceifar” o Seu Messias das garras da morte e para o Reino de seu Pai. Da mesma forma que até à ceifa a cevada se encontrava presa à terra, também até à hora da sua ressurreição o Messias se encontrava sepultado no seio da terra. Esta ceifa no final do Sábado semanal tem lugar no preciso momento em que Y'shua ressuscita. Da mesma forma e como já dissemos atrás, no preciso momento em que na manhã seguinte o Sumo-Sacerdote alça as Primícias ante YHWH, Y'shua, as verdadeiras Primícias, ascende ante o trono de YHWH. Da mesma forma que a apresentação das Primícias no Templo tornava toda a demais colheita da terra aceitável perante YHWH e marcava o início da colheita, também a apresentação de Y'shua no Templo celestial torna a restante colheita – nós – aceitável perante YHWH e pronta a ser colhida. A importância deste acto habitualmente ignorado e esquecido não pode deixar de ser sublinhada. Este acto de Y'shua valida a nossa esperança na Vida Eterna e enceta a restauração do Reino a Israel.

Ambas as solenidades de YHWH relacionadas com as primícias da terra – o ‘Chag HaBikkurim’ ou peregrinação das Primícias e o ‘Yom HaBikkurim’ ou dia das Primícias ou Pentecostes – têm lugar no primeiro dia da semana. O que poderia ser mais lógico?